

**RAINBOW  
ROWELL**

**SEMPRE  
EM FRENTE**

**A ASCENSÃO E A QUEDA  
DE SIMON SNOW**

Tradução  
LÍGIA AZEVEDO

**SEGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

# NOTA DA AUTORA

Se você já leu meu livro *Fangirl*, sabe que Simon Snow era um personagem fictício dentro daquela história.

Um personagem fictício *fictício*. Meio que um amálgama de centenas de outros Escolhidos que vieram antes.

Em *Fangirl*, Simon é o herói de uma série de livros de aventura infantojuvenis escritos por Gemma T. Leslie — e tema das fanfics escritas pela protagonista, Cath.

Quando terminei de escrever, senti que podia deixar Cath e seu namorado, Levi, para trás, assim como seu mundo. Senti que sua história havia sido concluída...

Mas não consegui deixar Simon para trás.

Eu tinha escrito bastante sobre ele através dessas outras vozes, mas ficava pensando o que *eu* faria se Simon estivesse em uma história *minha*, e não na de Cath ou na de Gemma.

O que *eu* faria com Simon Snow?

O que eu faria com Baz? E Agatha? E Penny?

Li e amei tantas histórias mágicas sobre Escolhidos. Como escreveria a minha?

*Sempre em frente é isso.*

É a minha versão de um personagem que eu não conseguia tirar da cabeça. É a minha versão desse tipo de personagem, desse tipo de jornada.

É uma maneira de dar a Simon e Baz, apenas esboçados em *Fangirl*, a história que sentia que devia a eles.



A MAGIA NOS SEPARA  
DO MUNDO;

NÃO DEIXEMOS QUE NADA  
NOS SEPRE UNS DOS OUTROS.

# LIVRO UM

# 1

## SIMON

Sigo até a estação de ônibus sozinho.

Sempre rola alguma questão com a minha papelada quando vou embora. No verão inteiro, não podemos nem ir até o mercado sem acompanhante e permissão da rainha — então, no outono, assino minha própria liberação do abrigo e vou embora.

— Ele estuda em uma escola *especial* — uma das mulheres da secretaria explica à outra. Devolvo meus documentos por baixo da divisória de acrílico que me separa delas. — É uma escola para delinquentes horríveis.

A outra mulher nem levanta os olhos.

Todo mês de setembro é assim, ainda que eu nunca volte para o mesmo abrigo.

O Mago foi me buscar pessoalmente da primeira vez, quando eu tinha onze anos. No ano seguinte, ele disse que eu podia ir para Watford sozinho.

— Você matou um dragão, Simon. Deve dar conta de uma longa caminhada e alguns ônibus.

Eu não pretendia matar o dragão. Ele não teria me ferido, acho. (Ainda sonho com isso às vezes. Com o fogo que o consumiu de

dentro para fora, como uma queimadura de cigarro devorando uma folha de papel.)

Vou para a rodoviária e como um chocolate aerado com recheio de menta enquanto espero pelo primeiro ônibus. Vou pegar outro depois. E mais um trem.

Quando já estou acomodado no trem, tento dormir com a mala no colo e os pés esticados no assento à minha frente, mas um homem algumas fileiras atrás não para de me encarar. Sinto seu olhar subindo pelo meu pescoço.

Pode ser só um tarado. Ou um policial.

Ou pode ser um caçadente de recompensas que sabe que muita gente pagaria bem para vir atrás de mim... (“*Caçadente de recompensas?*”, eu disse para Penelope da primeira vez que encaramos um. “Isso”, ela respondeu. “Porque se eles te pegam, ficam só com seus dentes.”)

Troco de vagão e nem tento dormir de novo. Quanto mais me aproximo de Watford, mais inquieto fico. Todo ano, penso em pular do trem e percorrer o restante do caminho à base de feitiços, ainda que eu acabasse em coma.

Eu poderia lançar um anda-logo no trem, mas já é um feitiço arriscado nas melhores condições, e meus primeiros feitiços do ano escolar costumam ser especialmente perigosos. Eu deveria treinar durante as férias, lançar feitiços simples e previsíveis quando ninguém está olhando. Como acender as luzes. Ou transformar maçãs em laranjas.

— Fechem botões ou amarrem cadarços — a srta. Possibelf sugeriu.  
— Esse tipo de coisa.

— Só tenho um botão — eu disse, e corei quando ela olhou para minha calça jeans.

— Então use magia nas tarefas de casa — ela disse. — Para lavar os pratos. Polir a prataria.

Não me dei ao trabalho de dizer à srta. Possibelf que durante as férias faço refeições em pratos descartáveis, com talheres de plástico (só garfos e colheres, nunca facas).

Nem me dei ao trabalho de praticar feitiços no verão.

É chato. E sem sentido. E não é como se *ajudasse*. A prática não me torna um feiticeiro melhor; só é um gatilho...

Ninguém sabe por que minha magia é assim. Por que explode como uma bomba em vez de fluir através de mim como a porra de um rio ou como quer que funcione para os outros.

— Não sei — Penelope disse quando perguntei qual era a sensação da magia dela. — É tipo um poço dentro de mim. Tão extenso que não consigo ver ou imaginar o fundo. Mas, em vez de descer o balde, eu penso direto em içar. Então ali está ela, tanto quanto eu preciso, desde que me mantenha concentrada.

Penelope sempre se mantém concentrada. Além disso, é muito poderosa.

Agatha não é. Não tanto assim, pelo menos. Agatha também não gosta de falar sobre sua magia.

Mas uma vez, no Natal, mantive Agatha acordada até que ela estivesse tão boba de sono que me contou que, para ela, lançar um feitiço se assemelhava a flexionar um músculo e deixá-lo contraído.

— Tipo *croisé devant* — ela disse. — Sabe?

Fiz que não com a cabeça.

Ela estava deitada sobre um tapete de pele de lobo à frente da lareira, toda encolhida, como um gatinho bonito.

— É balé — Agatha disse. — É como se eu segurasse uma postura pelo tempo que conseguisse.

Baz me disse que, para ele, é como acender um fósforo. Ou puxar um gatilho.

Não era sua intenção me contar. Aconteceu quando estávamos lutando contra a quimera na floresta, no quinto ano. Ela tinha nos encurralado e Baz não era poderoso o bastante para enfrentá-la sozinho. (Nem o *Mago* é poderoso o bastante para enfrentar uma quimera sozinho.)

— Anda, Snow! — Baz gritou comigo. — Vai em frente. Libera essa porra. Agora.

— Não dá — tentei explicar. — Não funciona assim.

— Claro que funciona.

— Não é só apertar o botão de ligar — eu disse.

— *Tenta.*

— Não dá, porra.

Eu estava balançando minha espada — já era muito talentoso com a espada, mesmo aos quinze —, mas a quimera não era corpórea. (Que é o que acontece quase o tempo todo comigo agora. Basta começar a carregar uma espada e todos os seus inimigos se transformam em névoa ou teia de aranha.)

— Fecha os olhos e imagina um fósforo — Baz me disse.

Tentávamos nos esconder atrás de uma pedra. Ele lançava um feitiço depois do outro; praticamente cantava.

— Quê?



— Era o que minha mãe costumava dizer. Acenda um fósforo dentro do coração e sopra a chama.

É sempre fogo, quando se trata de Baz. Nem consigo acreditar que ele ainda não me incinerou. Ou me queimou na fogueira.

Baz gostava de me ameaçar com um funeral viking, quando estávamos no terceiro ano.

— Sabe o que é, Snow? Uma pira flamejante à deriva no mar. Podemos fazer o seu em Blackpool, assim os pobretões dos seus amigos normais vão poder ir também.

— Cala a boca — eu dizia, tentando ignorá-lo.

Nunca tive nenhum amigo normal, pobretão ou não.

As pessoas do mundo normal se mantêm fora do meu caminho sempre que possível. Penelope diz que elas sentem meu poder e se afastam por instinto. Como cachorros que não fazem contato visual com os donos. (Não que eu seja o dono de alguém, não foi isso que quis dizer.)

De qualquer modo, com feiticeiros é o oposto. Eles amam o cheiro de magia; tenho que me esforçar muito para que me odeiem.

Baz é a exceção. Ele é imune a mim. Talvez tenha desenvolvido uma tolerância à minha magia, tendo dividido o quarto comigo pelos últimos sete anos.

Na noite em que enfrentamos a quimera, Baz gritou tanto comigo que acabei explodindo.

Nós dois acordamos horas depois em uma clareira escura. A pedra atrás da qual nos escondíamos tinha virado pó e a quimera, vapor. Ou talvez só tivesse fugido.

Baz tinha certeza de que eu havia queimado suas sobrancelhas, mas ele me parecia normal, sem nem um fio de cabelo fora do lugar.

Típico.

# 2

## SIMON

Não me permito pensar em Watford durante as férias.

No meu primeiro ano lá, quando tinha onze, passei o verão inteiro pensando na escola. Pensando em todo mundo que eu tinha conhecido: Penelope, Agatha, o Mago. Nas torres e no terreno. Nos chás. Nos doces. Na *magia*. No fato de que *eu* era mágico.

Me torturei pensando na Escola de Magia de Watford, passando o dia sonhando com ela, até que começasse a parecer que não era nada além de um devaneio. Só outra fantasia para fazer o tempo passar.

Como quando eu sonhava em jogar futebol profissionalmente, ou com meus pais, meus pais de verdade, voltando para me buscar...

Meu pai seria jogador de futebol também. Minha mãe seria chique como uma modelo. Eles explicariam que não tinham podido ficar comigo porque eram novos demais para ter um filho, e isso colocaria a carreira deles em risco. “Mas sempre sentimos sua falta, Simon”, diriam. “Estávamos procurando por você.” Então me levariam para morar em uma mansão.

Uma mansão de jogador de futebol... uma escola de magia...

Ambas pareciam bobagem à luz do dia. (Principalmente quando se acordava em um quarto com outros sete órfãos.)

Naquelas primeiras férias, eu já tinha desgastado a lembrança de Watford até só sobrar um fiapo quando minha passagem de ônibus e minha papelada chegaram, no outono, com um bilhete do próprio Mago...

*Era real. Era tudo real.*

Por isso, no verão seguinte, depois do meu segundo ano em Watford, não me permiti pensar em magia em nenhum momento. Por meses. Me fechei totalmente para ela. Não senti falta, não a desejei.

Decidi deixar que o Mundo dos Magos voltasse para mim como um belo presente surpresa em setembro, se voltasse. (Voltou mesmo. Continua voltando, até agora.)

O Mago costumava dizer que talvez pudesse me deixar passar as férias em Watford um dia — ou passá-las com ele onde quer que vá durante o verão.

Até que decidi que seria melhor se eu passasse o restante do ano com os normais. Para ter contato com sua linguagem e aprender a me virar.

— Deixe que a privação afie sua lâmina, Simon.

Achei que ele estava falando da minha lâmina de verdade, a Espada dos Magos. Depois me dei conta de que ele estava falando de mim.

A lâmina sou *eu*. A espada do Mago. Não sei se essas férias no abrigo me deixam mais afiado... mas certamente me deixam com mais fome. Fazem com que eu anseie por Watford como... não sei, como se fosse minha própria vida.

Baz e o pessoal dele — as famílias antigas e ricas — têm certeza de que ninguém pode entender tanto de magia quanto eles. Acham que a magia só devia ser confiada a eles.

Mas ninguém *ama* a magia como eu.

Nenhum dos outros feiticeiros — ninguém da minha turma, nem os pais deles — sabe o que é viver sem magia.

Só eu sei.

E sou capaz de fazer qualquer coisa para garantir que a magia esteja sempre aqui, para que eu possa voltar para ela.

*Tento* não pensar em Watford quando estou longe, mas nessas férias foi quase impossível.

Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, não achei que o Mago daria atenção a algo como o fim do ano letivo. Quem interrompe uma guerra para dar férias para as crianças?

Além disso, não sou mais criança. Legalmente, poderia estar por conta própria desde os dezesseis. Poderia ter arranjado um apartamento. Talvez em Londres. (Posso pagar. Tenho uma mala cheia de ouro de leprechaun — uma mala grande, e ouro de leprechaun só desaparece quando se tenta dá-lo a outros feiticeiros.)

Mesmo assim, o Mago me mandou para um abrigo diferente, como sempre faz. Depois de todos esses anos, ainda fica me mandando de lá para cá. Como se eu estivesse seguro em algum lugar. Como se o Oco não pudesse simplesmente me invocar, ou o que quer que tenha feito comigo e com Penelope no fim do último ano letivo.

— Ele consegue te *invocar*? — Penny perguntou assim que escapamos dele. — Do outro lado dessa água toda? Não é possível, Simon. Nunca se viu nada igual.

— Vou avisar isso a ele da próxima vez que for invocado como um esquilo demoníaco de araque! — retruquei.

Penelope tivera o azar de estar segurando meu braço quando fui levado, e acabou sendo arrastada comigo. Se escapamos, devemos isso a

seu raciocínio rápido.

— Simon — ela disse aquele dia, quando finalmente estávamos no trem de volta para Watford. — É sério.

— Porra, Penny, sei que é sério. O Oco tem meu número. Nem *eu* tenho meu número, mas ele conseguiu.

— Como podemos saber tão pouco a respeito do Oco? — Penny resmungou. — Ele é tão...

— Insidioso — eu disse. — Imagino que seja daí que vem o nome “Oco Insidioso”.

— Para de graça, Simon. Isso é *sério*.

— Eu sei, Penny.

Quando chegamos a Watford, o Mago nos ouviu e se certificou de que não estávamos feridos, mas então nos mandou embora. Simplesmente nos disse para ir para casa.

Não tinha o menor sentido.

Então *é claro* que eu passei as férias inteiras pensando em Watford. Em tudo o que aconteceu, em tudo o que *pode* acontecer e em tudo o que está em jogo... Fiquei remoendo.

Ainda assim, não me permiti fantasiar com as coisas *boas*, sabe? Porque são elas que podem me deixar louco de saudade.

Tenho uma lista mental de todas as coisas de que mais sinto falta e não posso pensar nelas até que esteja a cerca de uma hora de distância de Watford. A partir daí, repasso os itens um a um. É meio como mergulhar aos poucos na água fria. Só que ao contrário, na verdade: mergulhar aos poucos em algo muito bom, para que o choque não seja demais.

Comecei a fazer essa lista de coisas boas aos onze anos e provavelmente deveria cortar alguns itens, mas é mais difícil do que

parece.

De qualquer modo, estou a cerca de uma hora de distância da escola, então retomo minha lista mental e encosto a testa na janela do trem.

## **Coisas de Watford de que mais sinto falta**

### *1) Biscoitos macios de cereja*

Eu nunca tinha comido biscoitos macios de cereja antes de Watford. Só de uva-passa ou, com mais frequência, de água e sal. Já eram do tipo industrializado, e depois ainda eram deixados no forno por tempo demais.

Em Watford, há biscoitos de cereja fresquinhos todo dia no café da manhã para quem quiser. À tarde também, na hora do chá. Tomamos chá no refeitório depois da aula, antes dos cursos extracurriculares, de jogar futebol e de fazer lição de casa.

Sempre tomo chá com Penelope e Agatha e sou o único que come os biscoitos.

— Vamos jantar em duas horas, Simon — Agatha ainda me repreende, depois de todos esses anos. Uma vez, Penelope tentou calcular quantos desses biscoitos eu tinha comido desde que entrara em Watford, mas ficou entediada antes de chegar a um número.

Eu simplesmente tenho que comer esses biscoitos quando posso. São fofinhos, leves e têm um toque de sal. Às vezes, sonho com eles.

### *2) Penelope*

Antes esta posição pertencia ao rosbife, mas, alguns anos atrás, decidi me limitar a um único item alimentar, ou a lista seria como aquela

música sobre comida do musical *Oliver!*, e meu estômago se contorceria de tanta fome.

Talvez Agatha devesse vir antes de Penelope. Afinal, ela é minha namorada. Mas Penelope entrou na lista primeiro. Ficou minha amiga na minha primeira semana na escola, durante a aula de palavras mágicas.

Eu não soube muito bem o que pensar dela quando nos conhecemos. Era uma menininha gorducha com pele marrom-clara e cabelo vermelho-vivo. Usava óculos gatinho, do tipo que a pessoa usa quando se fantasia de bruxa para uma festa, e tinha um anel roxo gigante pesando sobre a mão direita. Penelope tentou me ajudar com um exercício, e acho que fiquei só olhando para ela.

— Sei que você é Simon Snow — ela disse. — Minha mãe disse que você estaria aqui. Ela falou que você é muito poderoso, provavelmente mais do que eu. Sou Penelope Bunce.

— Não imaginei que alguém como você fosse se chamar Penelope — eu disse. Idiota. (Tudo o que eu disse naquele ano foi idiota.)

Ela franziu o nariz.

— Como “alguém como eu” deveria se chamar?

— Não sei. — E não sabia mesmo. Eu conhecera outras meninas parecidas com ela que se chamavam Saanvi ou Aditi, mas elas não eram nem um pouco ruivas. — Saanvi?

— Alguém como eu pode ter qualquer nome — Penelope disse.

— Ah — eu disse. — Tá, desculpa.

— E podemos fazer o que quisermos com o cabelo. — Ela apontou para o exercício, balançando o rabo de cavalo vermelho. — É falta de educação encarar, mesmo um amigo.



— Somos amigos? — perguntei a ela, mais surpreso que qualquer outra coisa.

— Estou te ajudando com a lição, não estou?

Ela estava. Tinha acabado de me ajudar a encolher uma bola de futebol até ficar do tamanho de uma bolinha de gude.

— Achei que estivesse me ajudando porque sou burro — eu disse.

— Todo mundo é burro — ela respondeu. — Estou te ajudando porque gosto de você.

Depois fiquei sabendo que seu cabelo tinha ficado daquela cor sem querer, enquanto testava uma feitiço novo — mas ela o deixou vermelho o ano todo. No ano seguinte, mudou para azul.

A mãe de Penelope é indiana e o pai é inglês. Na verdade, os dois são ingleses: a parte da família com ascendência indiana mora em Londres há muitos e muitos anos. Depois de um tempo, Penelope me contou que os pais a mandaram ficar longe de mim na escola.

— Minha mãe disse que ninguém sabe de onde você realmente veio. E que pode ser perigoso.

— Por que não deu ouvidos a ela? — perguntei.

— Porque ninguém sabe de onde você veio, Simon! E você pode ser perigoso!

— Você não tem o *menor* instinto de sobrevivência.

— Fora que fiquei com dó. Você segurava a varinha ao contrário.

Sinto saudade de Penny todo verão, ainda que diga a mim mesmo para não sentir. O Mago diz que ninguém pode me escrever ou ligar durante as férias, mas ela encontra outras maneiras de me mandar mensagens. Uma vez, Penny possuiu o velho da loja, aquele que sempre se esquece de colocar a dentadura, e falou comigo através dele. Era legal saber como ela estava e tudo mais, mas foi uma experiência

tão perturbadora que pedi a Penny para nunca mais fazer aquilo, a não ser que fosse uma emergência.

### *3) O campo de futebol*

Não consigo mais jogar tanto futebol quanto antes. Não sou bom o bastante para entrar para o time da escola, e sempre acabo me envolvendo em alguma intriga ou catástrofe, ou o Mago me envia para uma missão. (Uma pessoa que pode ser invocada pela porcaria do Oco quando ele bem entende não é um goleiro confiável.)

Mas de vez em quando eu jogo. O campo da escola é perfeito. O gramado é ótimo, fica na única parte plana do terreno. Tem árvores bonitas em volta e dá para sentar à sombra delas para assistir às partidas...

Baz está no time da escola. Claro. O cretino.

Ele é no campo como em qualquer outro lugar. Forte. Gracioso. Implacável.

### *4) O uniforme*

Coloquei esse item na lista quando tinha onze anos. É preciso entender que, quando recebi meu uniforme, foi a primeira vez que tive roupas que serviam direito em mim e a primeira vez que vesti paletó e gravata. Do nada, me senti alto e chique. Até que Baz entrou no quarto, muito mais alto que eu e muito mais chique que todos os outros.

São oito anos de estudo em Watford. No primeiro e no segundo anos, usamos paletó listrado — em dois tons de roxo e dois tons de verde — com calça cinza-escura, suéter verde e gravata vermelha.

É obrigatório usar chapéu-palmeta na escola até o sexto ano — o que na verdade é só para ver se seu fica-aí é forte o bastante para

mantê-lo no lugar. (Penny sempre teve que lançar o feitiço no meu chapéu. Se eu o fizesse, acabaria tendo que dormir com aquela porcaria na cabeça.)

Há um uniforme novinho esperando por mim todo outono quando entro no quarto. Ele fica estendido na cama, limpo, passado e do tamanho perfeito, não importa o quanto eu tenha mudado ou crescido.

Os alunos do último ano — como eu agora — usam paletó verde com detalhe em branco. Suéteres vermelhos só se quisermos. Capas também são opcionais; nunca usei uma, porque acho meio bobo, mas Penny gosta. Ela diz que se sente a própria Stevie Nicks.

Gosto do uniforme. Gosto de saber o que vou usar todos os dias. Não sei o que vou usar ano que vem, quando estiver formado...

Pensei em me juntar aos Homens do Mago. Eles têm seu próprio uniforme, uma mistura de Robin Hood com o serviço secreto de inteligência britânico. Mas o Mago diz que esse não é o meu destino.

É assim que ele fala comigo.

— Não é o seu destino, Simon. Ele o conduz a outro lugar.

O Mago quer que eu fique à parte de tudo. Treine separado. Tenha aulas especiais. Acho que nem me deixaria estudar em Watford se não fosse o diretor da escola — e se não achasse que é o lugar mais seguro para mim.

Se eu perguntasse ao Mago o que devo vestir depois que me formar, ele provavelmente escolheria uma roupa de super-herói...

Não vou perguntar a ninguém que roupa devo usar depois de sair da escola. Tenho dezoito anos. Posso me vestir sozinho.

Ou Penny pode me ajudar.

##### *5) Meu quarto*

Eu deveria dizer “nosso quarto”, mas não sinto falta de dividi-lo com

Baz.

O quarto e colega de quarto são definidos no primeiro ano em Watford e seguem os mesmos até a formatura. Nunca é preciso fazer as malas ou tirar os pôsteres da parede.

Dividir um quarto com alguém que quer me matar — que quer me matar desde os *onze* anos — é... bom, é uma merda, né?

Talvez o crisol tenha se sentido mal por colocar eu e Baz juntos (não literalmente; não acho que o crisol tenha sentimentos), porque ficamos com o melhor quarto de Watford.

Moramos na Casa da Pantomima, nos limites da propriedade. É um prédio de quatro andares e meio, de pedra, e o nosso quarto fica no último, em uma espécie de torre com vista para o fosso. A torre é pequena demais para abrigar mais de um quarto, mas é maior que os quartos dos outros alunos. Costumava ser o quarto dos funcionários, então temos o nosso próprio banheiro.

Na verdade, é bem tranquilo dividir o banheiro com Baz. Ele fica lá a manhã inteira, mas pelo menos é limpinho; e não gosta que eu mexa nas coisas dele, então as mantêm fora do caminho. Penelope diz que nosso banheiro cheira a cedro e mexerica, e deve ser por causa de Baz — por minha, não é.

Eu contaria como Penny consegue entrar no nosso quarto — meninas não podem entrar em quartos de meninos e vice-versa —, mas eu mesmo não sei. Talvez tenha a ver com o anel dela. Eu a vi usá-lo uma vez para entrar numa caverna, então tudo é possível.

## 6) *O Mago*

Também coloquei o Mago na lista quando tinha onze anos. E achei que deveria tirá-lo inúmeras vezes.

Como no sexto ano, quando ele praticamente me ignorou. Toda

vez que eu tentava falar com o Mago, ele me dizia que estava em meio a algo importante.

O Mago ainda diz isso de vez em quando. Eu entendo. Ele é o diretor. Mais do que isso, na verdade: é chefe do conciliábulo, então teoricamente está encarregado de todo o Mundo dos Magos. Não é como se o Mago fosse meu pai. Ele não é nada meu...

Mas é a coisa mais próxima que tenho de algo assim.

Foi o Mago quem veio até mim no mundo normal e me explicou (ou tentou explicar) quem eu era. Ele ainda toma conta de mim, às vezes sem que eu perceba. E me sinto mais confiante quando o Mago tem tempo para mim, para realmente falar comigo. Luto melhor quando ele está por perto. Penso melhor. É como se, quando está lá, eu quase acreditasse no que o Mago sempre me disse: que sou o feiticeiro mais poderoso que ele já conheceu.

Que todo o meu poder é algo *bom*, ou pelo menos vai ser um dia. Que vou me acertar e resolver mais problemas do que causo.

O Mago é a única pessoa que tem permissão de entrar em contato comigo durante as férias.

Em junho, ele sempre se lembra do meu aniversário.

## 7) *A magia*

Não a *minha* magia, necessariamente. Ela está sempre comigo e, na verdade, isso não é muito reconfortante.

Quanto não estou em Watford, sinto falta de estar *perto* de magia em geral. De magia ambiente, casual. De gente lançando feitiços no corredor e durante as aulas. De alguém passar um prato de linguiça de um lado a outro da mesa como se estivesse suspenso por fios.

O Mundo dos Magos não é um mundo de verdade. Não temos cidades. Nem mesmo bairros. Os feiticeiros sempre viveram em meio à

mundanidade. É mais seguro assim, de acordo com a mãe de Penelope; isso nos impede de nos afastar demais do resto do mundo.

As fadas fizeram isso, ela explicou. Ficaram cansadas de lidar com as pessoas e se esconderam nas florestas por séculos, até que não conseguiram mais encontrar o caminho de volta.

O único lugar em que feiticeiros dividem o mesmo teto e não são parentes é em Watford. Há clubes, festas e reuniões anuais mágicas, mas Watford é o único lugar onde estamos o tempo todo juntos. É por isso que casais não param de se formar nesses últimos anos. Penny diz que quem não conhece o futuro companheiro em Watford pode ficar sozinho para sempre — ou acabar fazendo um tour de solteiros pela Grã-Bretanha Mágica aos trinta e dois anos.

Não sei por que Penny está preocupada; desde o quarto ano, ela tem um namorado nos Estados Unidos. (Ele veio para Watford como aluno de intercâmbio.) Micah joga beisebol, e seu rosto é tão simétrico que daria para conjurar um demônio com ele. Os dois conversam por vídeo quando Penny está em casa, e quando está na escola ele escreve para ela quase todos os dias.

— Tá — Penny me diz —, mas ele é *americano*. Os americanos não pensam em casamento igual a gente. Micah pode me trocar por uma normal bonita que conhecer em Yale. Minha mãe sempre me diz que esse é o problema da nossa magia: está se esvaindo nos casamentos impensados dos americanos.

Penny cita a mãe tanto quanto eu cito Penny.

As duas estão sendo paranoicas. Micah é um cara legal. Ele vai se casar com Penelope — e aí vai querer levá-la para os Estados Unidos. É com *isso* que deveríamos estar nos preocupando.

Mas, voltando...

Magia. Sinto falta de magia quando não estou na escola.

Quando estou sozinho, a magia é pessoal. Meu fardo, meu segredo.

Mas, em Watford, a magia é só o ar que respiramos. É o que me torna parte de algo maior, não aquilo que me distingue.

#### 8) *Ebb e as cabras*

Comecei a ajudar Ebb, que cuida das cabras, no segundo ano. Por um tempo, ficar com os animais era meu passatempo preferido (para deleite de Baz). Ebb é a pessoa mais legal de Watford. Ela é mais nova que os professores, e é surpreendentemente poderosa para alguém que decidiu passar a vida cuidando de cabras.

— O que ser poderoso tem a ver com o resto? — Ebb diz. — Ninguém é obrigado a jogar cestete só porque é alto.

— Você quer dizer basquete?

Como mora em Watford, Ebb se afastou um pouco do resto do mundo.

— Dá na mesma. Não sou soldado. Não vou viver lutando só porque levo jeito com as mãos.

O Mago diz que somos todos soldados, cada um de nós, quem tiver um grama de magia que seja. Esse era o perigo antigamente, ele diz: os feiticeiros simplesmente seguiam com a vida, fazendo o que tinham vontade de fazer, tratando a magia como um brinquedo ou um presente, não algo que deviam proteger.

Ebb não usa cachorro para pastorear as cabras. Só os funcionários. Eu a vi conduzir todo o rebanho na direção contrária só com um movimento de mão. Ebb tinha começado a me ensinar a trazer as cabras de volta uma a uma, a fazer todas sentirem ao mesmo tempo que foram longe demais. Até me deixou ajudar no nascimento de um filhote...

Agora não tenho mais tanto tempo para ficar com ela.

Mesmo assim, mantenho Ebb e as cabras na lista de coisas de que tenho saudade. Para pensar nelas pelo menos por um minuto.

#### 9) *A Floresta Inconstante*

É melhor tirar isso da lista.

Foda-se a Floresta Inconstante.

#### 10) *Agatha*

Talvez eu deva tirar Agatha da lista também.

Estou chegando perto de Watford agora. Estarei na estação em alguns minutos. Alguém da escola deve ter vindo me buscar...

Eu costumava deixar Agatha para o fim. Ficava o verão inteiro sem pensar nela, então esperava até estar quase chegando em Watford para permitir que voltasse à minha mente. Assim, não precisava passar as férias inteiras tentando me convencer de que ela era boa demais para ser verdade.

Mas agora... não sei, talvez Agatha seja mesmo boa demais para ser verdade, pelo menos para mim.

No fim do último ano letivo, pouco antes que eu e Penny fôssemos pegos pelo Oco, vi Agatha na Floresta Inconstante, com Baz. Acho que tinha desconfiado de que havia algo entre eles, mas nunca acreditei que ela me trairia assim — que cruzaria *essa* linha.

Não tive tempo de falar com Agatha depois que a vi com Baz, porque estava ocupado demais sendo sequestrado e escapando. Não pude falar com ela durante as férias, porque não posso falar com ninguém. Agora... não sei. Não sei o que Agatha é para mim.

Nem sei bem se senti saudade dela.



# 3

## SIMON

Quando chego à estação, não tem ninguém me esperando. Ninguém que eu conheço, pelo menos — só um taxista com cara de saco cheio segurando um pedaço de papelão com SNOW escrito.

— Sou eu — digo.

Ele faz cara de dúvida. Não pareço exatamente um riquinho de colégio interno, principalmente sem uniforme. Meu cabelo é curto demais (eu raspo todo fim de ano letivo), uso tênis barato e não pareço *entediado* o bastante. Não consigo manter os olhos parados.

— Sou eu — repito, um pouco irritado. — Quer que eu mostre minha identidade?

Ele suspira e baixa o papelão.

— Se quer que eu te leve até o meio do nada, garoto, não vou discutir.

Entro no banco de trás do carro e deixo a mala ao meu lado. O taxista dá a partida e liga o rádio. Fecho os olhos. Fico enjoado no banco de trás de um carro mesmo num bom dia, e hoje não é um bom dia. Estou nervoso e só comi um chocolate e um saco de batatinhas sabor queijo e cebola.

Estou quase chegando.

É a última vez que vou fazer isso. Voltar à escola no outono. Ainda vou percorrer o trajeto até Watford, mas não assim, não como se estivesse voltando para casa.

“Candle in the Wind” começa a tocar e o taxista canta junto.

O nome da música me lembra vela-ao-vento, um feitiço perigoso. Os meninos da escola dizem que dá para usar para ter mais, vamos dizer, *vigor*. Mas, se você der ênfase na sílaba errada, vai acabar acendendo um fogo que ninguém consegue apagar. Um fogo real. Nunca tentei, mesmo em caso de necessidade — não sou bom com duplo sentido.

Passamos por um buraco e meu corpo é jogado para a frente. Eu me agarro ao banco.

— Se segura — o taxista solta.

Ponho o cinto, olhando em volta. Já passamos da cidade para o campo. Engulo em seco e ajeito a postura.

O taxista volta a cantar, mais forte agora — “*never knowing who to turn to*” —, como se estivesse realmente envolvido com a música. Penso em falar para *ele* se segurar.

Passamos por outro buraco e minha cabeça quase bate no teto. Estamos em uma estrada de terra. Esse não é o caminho que costumo pegar para Watford.

Olho para o taxista pelo retrovisor. Tem algo errado — sua pele está verde, e seus lábios, vermelhos como carne crua.

Então olho diretamente para seu corpo, logo à minha frente. É só um taxista. Dentes tortos, nariz quebrado. Cantando Elton John.

Volto a olhar para o espelho. Pele verde. Lábios vermelhos. Bonito como uma estrela pop. *Goblin*.

Não espero para descobrir qual o plano dele. Levo a mão à cintura e começo a murmurar o encanto para a Espada dos Magos. É uma arma invisível — mais que isso, na verdade; nem está lá quando digo as palavras mágicas.

O goblin me ouve e nossos olhares se encontram através do espelho. Ele sorri e faz menção de pegar algo na jaqueta.

Se Baz estivesse aqui, tenho certeza de que teria uma lista dos feitiços que poderia usar neste momento. Deve haver um em francês que funcionaria maravilhosamente bem. Mas, assim que a espada aparece na minha mão, cerro os dentes e decapito o goblin com ela — arrancando junto um pedaço do banco do motorista. *Voilà*.

Ele continua dirigindo por um segundo, então, de repente o carro segue descontrolado. Graças à magia não há nenhuma divisória entre o banco de trás e o da frente do táxi, então desafivelo o cinto, pulo por cima do banco (por onde a cabeça do goblin estava antes) e pego o volante. Ele deve estar com o pé no acelerador, porque saímos da estrada, mas continuamos ganhando velocidade.

Tento puxar o carro de volta. Na verdade, não sei dirigir, então viro o volante para a esquerda, e a lateral do táxi pega em uma cerca de madeira. O airbag abre na minha cara e eu voo para trás. O carro continua batendo contra alguma coisa, provavelmente a mesma cerca. Nunca achei que fosse morrer assim...

O táxi para antes que eu consiga pensar em uma maneira de me salvar.

Estou quase no chão, e bati a cabeça na janela e no banco. Quando contar essa história para Penny, não vou mencionar que tirei o cinto de segurança.

Estico o braço acima da cabeça e alcanço a maçaneta. A porta abre e caio para fora do táxi, aterrissando de costas na grama. Parece que passamos por cima da cerca e paramos num campo. O motor continua ligado. Levanto, gemendo, e me inclino pela janela do motorista para desligá-lo.

Um espetáculo se revela lá dentro. Tem sangue no airbag todo. E no cadáver. E em mim.

Abro a jaqueta do goblin, mas não encontro nada além de chiclete e um estilete. Não parece ter sido trabalho do Oco — não há sequer um rastro incômodo dele no ar. Inspiro fundo para garantir.

O suposto taxista devia estar só atrás de vingança. Os goblins estão na minha cola desde que ajudei o conciliábulo a expulsá-los de Essex. (Eles andavam devorando pessoas bêbadas no banheiro de casas noturnas, e o Mago ficou preocupado com a possibilidade de perda de gírias regionais.) Acho que o goblin que conseguir me matar vai acabar virando o rei deles.

Mas esse não vai ganhar a coroa. Minha espada está fincada no banco ao lado dele, então eu a puxo e a faço desaparecer no meu quadril. Aí me lembro da mala e a pego também, limpando o sangue na calça cinza de moletom antes de abri-la e encontrar minha varinha. Não posso deixar essa confusão aqui e acho que não vale a pena guardar nada como prova.

Aponto a varinha para o táxi e sinto a magia à flor da pele.

— Me ajuda aqui — sussurro. — *Saia, mancha maldita!*

Já vi Penelope usar esse feitiço para se livrar de coisas impronunciáveis. No meu caso, tudo o que faz é limpar um pouco do sangue na minha calça. É melhor que nada.

A magia se acumula nos meus braços, tanto que meus dedos tremem.

— Vamos — digo, apontando. — *Some daqui!*

Saem faíscas da varinha e das pontas dos meus dedos.

— *Anda, caralho...* — Sacudo o pulso e aponto de novo. Noto a cabeça do goblin na grama perto do meu pé, de volta ao verde. Goblins são demônios lindos. (A maior parte dos demônios é bem charmosa.) — Imagino que tenha comido o taxista — digo, chutando a cabeça na direção do carro. Sinto o braço queimar.

— *Tudo o que é sólido desmancha no ar!* — grito.

Sinto uma onda quente passar do chão até a ponta dos meus dedos, e o carro desaparece. A cabeça desaparece. A cerca desaparece. A estrada...

Uma hora depois, suando e ainda coberto de sangue seco de goblin e da poeira que saiu junto com o airbag, finalmente vejo a escola à minha frente. (Só um trecho da estrada de terra tinha desaparecido, e aquilo mal chegava a ser uma estrada, na verdade. Eu só tive que voltar para a rodovia e a seguir até aqui.)

Todos os normais pensam que Watford é um colégio interno ultraexclusivo. No fundo, é mesmo. O terreno está coberto de encantamentos. Ebb me contou uma vez que lançamos feitiços novos na escola conforme os desenvolvemos. Então ela tem inúmeras camadas de proteção. Toda essa magia é capaz de queimar as retinas de um normal.

Caminho até o portão alto de ferro, em cima do qual está escrito ESCOLA WATFORD, e seguro as barras para que sintam a magia dentro de mim.

Antes, isso já bastava. O portão se abria para qualquer feiticeiro. Tem até uma inscrição no alto: A MAGIA NOS SEPARA DO MUNDO; NÃO DEIXEMOS QUE NADA NOS SEPARE UNS DOS OUTROS.

— É um belo ideal — o Mago disse quando pediu defesas mais rígidas ao conciliábulo —, mas não devemos seguir os conselhos de segurança de um portão de seiscentos anos. Não espero que as pessoas que vão à minha casa obedeçam ao que quer que esteja escrito em ponto-cruz nas minhas almofadas.

Eu estava nesse conciliábulo, com Penelope e Agatha. (O Mago queria nossa presença para mostrar o que estava em risco. “As crianças! O futuro do nosso mundo!”) Não fiquei ouvindo toda a discussão. Minha mente vagou, pensando em onde a casa do Mago ficava e se um dia ele ia me convidar para conhecê-la. Era difícil visualizá-lo em casa, quanto mais com almofadas. Ele tem aposentos em Watford, mas passa várias semanas seguidas fora. Quando eu era mais novo, achava que, quando não estava na escola, o Mago vivia na floresta, comendo nozes e frutinhas e dormindo em tocas de texugo.

A segurança do portão e do perímetro foi ficando mais rígida a cada ano.

Um dos Homens do Mago — Premal, irmão de Penelope — está de guarda do lado de dentro do portão hoje. Deve estar bem puto por isso. O resto da equipe do Mago provavelmente está na sala dele, planejando a próxima ofensiva, enquanto Premal fica aqui, recebendo os calouros. Ele vem até mim.

— Tudo bem, Prem?

— Acho que eu é que deveria te perguntar isso...

Olho para minha camiseta ensanguentada.

— Goblin — digo.

Premal assente, aponta a varinha para mim e murmura um feitiço de limpeza. Ele é tão poderoso quanto Penny. Quase consegue enfeitiçar em silêncio.

Odeio quando as pessoas lançam feitiços de limpeza em mim; faz com que eu me sinta como uma criança.

— Obrigado — digo mesmo assim, e começo a passar por ele.

Premal me impede com um braço.

— Só um minuto — ele diz, erguendo a varinha até a altura da minha testa. — Medidas especiais hoje. O Mago disse que o Oco está andando por aí com o seu rosto.

Faço careta, mas tento não me afastar da varinha.

— Achei que era para ser segredo.

— E é — ele diz. — Um segredo que pessoas como eu precisam saber para poder te proteger.

— Se eu fosse o Oco, já poderia ter te comido.

— Vai ver é isso que o Mago tem em mente. Pelo menos assim teríamos certeza de que é ele. — Premal abaixa a mão. — Liberado. Pode ir.

— Penelope já chegou?

Ele dá de ombros.

— Não sou responsável pela minha irmã.

Por um segundo, acho que diz isso com certa ênfase, com magia, lançando um feitiço, mas então ele se vira e se recosta contra o portão.

Não tem ninguém no gramado. Devo ser um dos primeiros alunos a chegar. Começo a correr, só porque posso, incomodando um bando de andorinhas escondido na grama. Elas voam à minha volta, piando, e

eu continuo correndo. Passo do gramado, da ponte levadiça, do muro, do segundo e do terceiro portões.

Watford está aqui desde o século XVI. Foi construída como uma cidade murada, com campos e florestas externos, prédios e pátios internos. À noite, a ponte levadiça sobe, e nada passa pelo fosso e pelos portões.

Não paro de correr até chegar ao alto da Casa da Pantomima, caindo diante da porta do quarto. Pego a Espada dos Magos e a uso para fazer um corte no polegar, então o pressionno contra a pedra. Há um feitiço para isso, para voltar a entrar no quarto depois de tantos meses longe, mas o sangue é mais rápido e certo, e Baz não está por perto para sentir o cheiro. Enfio o dedão na boca e empurro a porta, sorrindo.

Meu quarto. Vai ser *nosso* quarto de novo daqui a alguns dias, mas por enquanto é só meu. Vou até a janela e a abro. O cheiro do ar fresco é ainda mais doce agora que entrei. Abro outra janela, ainda chupando o dedão, e vejo as partículas de poeira girarem à brisa e à luz do sol, então voltarem a cair sobre minha cama.

Afundo no colchão velho — com recheio de penas e protegido por feitiços. *Merlim*. Merlim, Morgana e Matusalém, é bom estar de volta. É sempre muito bom estar de volta.

A primeira vez que voltei para Watford, no segundo ano, fui direto para a cama e chorei como um bebê. Ainda estava chorando quando Baz entrou.

— Como assim você já está de mimimi? — ele rosnara. — Estragou meu plano de te levar às lágrimas.

Agora, fecho os olhos e inspiro tanto ar quanto consigo.

Penas. Pó. Lavanda.



Água, do fosso.

Além daquele cheiro levemente acre que Baz diz que é de lobisreios. (É melhor nem começar a falar de lobisreios com Baz; às vezes ele se reclina na janela e cospe no fosso, só para provocá-los.)

Se ele já estivesse aqui, não daria para sentir nada além do cheiro de sabonete chique dele... Inspiro fundo, tentando sentir o cedro.

A porta range e fico de pé na hora, com a mão no quadril, voltando a invocar a Espada dos Magos. É a terceira vez hoje; talvez eu devesse ficar com ela e pronto. É o único feitiço que eu sempre acerto, talvez porque seja diferente de todos os outros. É mais como um voto: *Na justiça. Na coragem. Na defesa dos fracos. Na presença dos poderosos. Através da magia, da sabedoria e do bem.*

Ela não *precisa* aparecer.

A Espada dos Magos é minha, mas não pertence a ninguém. Ela só vem àqueles em que confia.

Seu punho se materializa em minhas mãos, e levanto a espada até o ombro enquanto Penelope acaba de abrir a porta.

Abaixo a espada.

— Você não deveria conseguir fazer isso — digo.

Ela dá de ombros e pula na cama de Baz.

Sinto meu rosto se abrir num sorriso.

— Você não deveria nem conseguir passar pela porta da frente.

Ela dá de ombros de novo e ajeita o travesseiro de Baz debaixo da cabeça.

— Se Baz descobrir que você tocou na cama dele — digo —, vai te matar.

— Ele que tente.

Giro o pulso de leve e a espada desaparece.

— Você está horrível — ela diz.

— Encontrei um goblin no caminho.

— Por que eles não *votam* para ver quem vai ser o próximo rei? —  
O tom dela é leve, mas sei que está me avaliando. Da última vez que me viu, eu era um emaranhado de feitiços e trapos. Da última vez que vi Penny, tudo estava ruindo...

Tínhamos acabado de escapar de Oco, voltado para Watford e entrado correndo na Capela Branca em meio à cerimônia de fim do ano letivo — a pobre Elspeth tinha acabado de receber um prêmio por não faltar nem um dia nos oito anos de escola. Eu ainda estava sangrando (pelos poros, ninguém sabia por quê). Penny, chorando. A família dela estava ali, porque a família de todo mundo estava ali, e a mãe começou a gritar com o Mago.

— Olha só pra eles! A culpa é *sua*!

O irmão dela, Premal, se meteu entre os dois e começou a gritar também. As pessoas achavam que o Oco devia estar atrás de Penny e de mim, e fugiram da capela com a varinha na mão. Era o caos típico do último dia de aula multiplicado por cem, e a sensação era ainda pior. Parecia o fim.

A mãe de Penelope acabou fazendo um feitiço para tirar toda a família dali, inclusive Premal. (Provavelmente só até o carro, mas foi bem dramático.)

Eu não falo com Penny desde então.

Parte de mim quer agarrá-la e apalpá-la da cabeça aos pés, só para me certificar de que continua inteira — mas Penny odeia escândalo na mesma medida em que a mãe adora.

— Nem me dá oi, Simon — ela me disse uma vez. — Porque depois vamos ter que dar tchau, e não suporto despedidas.

Meu uniforme está arrumado na cama, e eu o guardo no armário, peça por peça. Calça cinza nova. Gravata listrada verde e roxa nova...

Penelope suspira audivelmente atrás de mim. Volto para a cama e deito, de frente para ela, tentando não sorrir de orelha a orelha.

Ela faz beicinho.

— O que pode já estar te incomodando? — pergunto.

— *Trixie* — Penelope solta. É a colega de quarto dela. Penny diz que a trocaria por uma dúzia de vampiros vis e mal-intencionados. Sem precisar pensar duas vezes.

— O que ela fez?

— Voltou pra escola.

— Você pensou que ela talvez não voltasse?

Penny ajeita o travesseiro de Baz.

— Ela sempre consegue voltar mais doida do que no ano anterior. Primeiro transformou o cabelo num dente-de-leão, depois chorou quando o vento soprou tudo.

Dou risada.

— Em defesa de *Trixie* — digo —, ela é meio pixie. E pixies costumam ser meio doidinhas.

— Ah, ela sabe bem disso. Juro que usa essa história como desculpa. Não vou conseguir sobreviver a outro ano com ela. Talvez transforme a cabeça inteira dela em um dente-de-leão e sopre.

Reprimo uma risada e me esforço para não sorrir demais. Cobras me piquem, como é bom vê-la.

— É seu último ano — digo. — Você vai conseguir.

Os olhos de Penny parecem sérios.

— É *nosso* último ano — ela diz. — Adivinha o que você vai fazer no verão que vem...

— O quê?

— Passar as férias comigo.

Deixo o sorriso correr solto.

— Vamos perseguir o Oco?

— Foda-se o Oco — ela diz.

Ambos rimos, então meu rosto se contorce em uma careta, porque o Oco se parece comigo — é uma versão de mim aos onze anos. (Se Penny não o tivesse visto também, eu pensaria que tinha alucinado.)

Estremeço.

Penny repara.

— Você está magro demais — ela diz.

— É o moletom.

— Vai se trocar. — Ela já trocou de roupa. Está vestindo a saia plissada cinza do uniforme e um suéter vermelho. — Anda, é quase hora do chá.

Sorrio de novo e pulo da cama para pegar uma calça jeans e um suéter roxo do time de lacrosse de Watford. (Agatha joga.)

Penny segura meu braço quando passo pela cama de Baz no caminho para o banheiro.

— É bom te ver — ela sussurra.

Sorrio. De novo. Penny faz minhas bochechas doerem.

— Sem escândalo — sussurro de volta.

# 4

## PENELOPE

Magro demais. Ele está magro demais.

Pior ainda... destroçado.

Simon sempre melhora depois de alguns meses do rosbife de Watford. (E do bolinho salgado, e do chá com leite demais, e das linguiças gordurosas, e dos sanduichinhos...) Ele tem ombros e nariz largos, e quando fica magro demais sobra pele nas bochechas.

Estou acostumada a vê-lo magrelo assim todo outono, mas desta vez está pior.

Seu rosto parece rachado. Os olhos estão vermelhos e a pele em volta parece áspera e irregular. As mãos também estão vermelhas, e quando ele as fecha em punhos os nós dos dedos ficam brancos.

Até o sorriso está horrível. Grande e vermelho demais para o rosto.

Não consigo encará-lo. Eu o pego pela manga quando ele se aproxima e fico aliviada quando segue em frente. Se não fizesse isso, talvez não o soltasse. Talvez o segurasse e prendesse, lançasse um encanto para nos mandar pra tão longe de Watford quanto possível. Poderíamos voltar depois que tudo acabasse. Deixar que o Mago, os Pitch, o Oco e todos os outros travassem as guerras a que parecem se dedicar com tanto afinco.

Simon e eu poderíamos alugar um apartamento em Anchorage, no Alasca. Ou em Casablanca. Ou em Praga.

Eu leria e escreveria. Ele dormiria e comeria, e ambos chegaríamos aos dezenove. Ou até aos vinte.

Eu faria isso. Eu o levaria embora — se não acreditasse que Simon é o único que pode fazer a diferença aqui.

Se eu sequestrasse Simon e o mantivesse a salvo...

Não tenho certeza de que haveria um Mundo dos Magos para o qual voltar.

# 5

## SIMON

Estamos praticamente sozinhos no refeitório.

Penelope senta à mesa, com os pés apoiados na cadeira. (Porque gosta de fingir que não se importa.)

Tem alguns alunos mais novos, do primeiro e do segundo anos, do outro lado do salão, tomando chá com os pais. Percebo que todos, crianças e adultos, estão me olhando. Os alunos vão se acostumar em algumas semanas, mas os pais não vão ter outra oportunidade de dar uma boa olhada.

A maior parte dos feiticeiros sabe quem eu sou. A maioria soube que eu ia estudar aqui antes que eu soubesse; há uma profecia a meu respeito — algumas profecias, na verdade —, a respeito de um feiticeiro superpoderoso que vai aparecer para consertar tudo.

*E surgirá aquele que virá para acabar conosco.*

*E surgirá aquele que representará sua queda.*

*Que o poder dos poderes venha a reinar,*

*Para que a todos nós possa salvar.*

O Grande Mago. O Escolhido. O Poder dos Poderes.

Ainda é estranho acreditar que esse cara sou eu. Tampouco sou capaz de negar. Quer dizer, ninguém tem poder como eu. Nem

sempre consigo controlá-lo ou direcioná-lo, mas eu o possuo.

Acho que quando apareci em Watford as pessoas meio que tinham desencanado das antigas profecias. Ou se perguntavam se o Grande Mago tinha vindo e ido embora sem ninguém notar.

Acho que *ninguém* esperava que o Escolhido viesse do mundo normal. Da mundanidade.

Nunca um mago tinha nascido de normais.

Mas meus pais deviam ser normais, porque feiticeiros não abandonam seus filhos. Não existem orfanatos para magos, Penny diz. A magia é preciosa demais.

O Mago não me disse nada disso quando foi atrás de mim. Eu não sabia que era o primeiro normal mágico, nem o feiticeiro mais poderoso de que já se tinha ouvido falar. Nem que muitos feiticeiros — incluindo os inimigos do Mago — achavam que ele tinha me inventado em uma espécie de manobra política. Um cavalo de Troia no formato de um menino de onze anos de calça larga e cabeça raspada.

Quando cheguei a Watford pela primeira vez, algumas das famílias antigas queriam que eu fizesse o social, conhecesse todo mundo que importava, só para poderem me ver com seus próprios olhos. Me testar. O Mago não quis saber de nada disso. Ele diz que a maior parte dos feiticeiros está tão envolvida nas próprias tramas mesquinhas e disputas de poder que não consegue ter uma visão mais ampla.

— Você não vai ser o peão no jogo de xadrez de ninguém, Simon — o Mago tinha dito.

Fico feliz que ele tenha sido tão protetor. Seria legal conhecer mais feiticeiros e me sentir parte de uma comunidade, mas fiz meus próprios



amigos — quando éramos jovens, quando nenhum deles se preocupava muito com meu suposto destino grandioso.

Na verdade, minha condição de celebridade é uma desvantagem na hora de fazer amigos aqui em Watford. Todo mundo sabe que as coisas à minha volta costumam explodir. (Embora nenhuma *pessoa* tenha explodido até agora, o que já é alguma coisa.)

Ignoro os olhares das outras mesas e ajudo Penelope a pegar a comida.

Ainda que estudemos em um colégio interno bastante exclusivo — com catedral, fosso e tudo —, ninguém é mimado em Watford. Temos que limpar nosso próprio quarto e, depois do quarto ano, lavar nossa própria roupa. Podemos usar magia para ajudar, mas não costumo fazer isso. Pritchard, a cozinheira, tem alguns ajudantes, mas nos revezamos para servir a comida. Nos fins de semana, é cada um por si.

Penelope pega um prato de sanduichinhos de queijo e uma montanha de biscoitos macios quentinhos, e eu pego meio tablete de manteiga. (Gosto de comer biscoitos com pedaços de manteiga, assim eles derretem por fora e mantêm uma parte geladinha por dentro.) Penny me observa como se estivesse um pouco enojada, mas também como se tivesse sentido saudade.

— Me conta das suas férias — digo enquanto como.

— Foi bom — ela diz. — Muito bom.

— É?

Migalhas voam da minha boca.

— Fui com meu pai para Chicago. Ele ficou trabalhando na pesquisa no laboratório de lá, e eu e Micah ajudamos. — Ela relaxa um pouco ao mencionar o nome do namorado. — O Micah fala espanhol

muito bem, é incrível. Ele me ensinou uma porção de feitiços novos. Acho que se estudar mais a língua vou conseguir lançar esses feitiços como uma nativa.

— E como ele está?

Penelope cora e dá uma mordida no sanduíche, para não ter que responder na hora. Só faz alguns meses que não nos vemos, mas ela parece diferente. Mais crescida, talvez.

As meninas não têm que usar saia em Watford, mas Penelope e Agatha usam. Penny usa saias plissadas até os joelhos, com meias de losangos até os joelhos também, nas cores da escola. Ela usa sapatos pretos com fivelas, como os de *Alice no País das Maravilhas*.

Penny sempre pareceu mais nova do que é — tudo nela é arredondado e menininha, as bochechas gorduchas, as pernas grossas, as covinhas nos joelhos — e o uniforme ainda amplifica.

Mesmo assim... ela mudou esse verão. Está começando a parecer uma mulher em roupas de menina.

— Micah está bem — Penny finalmente diz, prendendo o cabelo escuro atrás das orelhas. — Não passávamos tanto tempo juntos desde que ele estava aqui.

— Então a chama não apagou?

Ela dá risada.

— Não. Na verdade, pareceu... real. Pela primeira vez.

Não sei o que dizer, então tento sorrir para ela.

— Afe — Penny diz. — Fecha essa boca.

Obedeço.

— Mas e você? — Penny pergunta. Sei que estava esperando para me interrogar e não pode se segurar mais. Ela dá uma olhada em volta e se inclina para a frente. — Pode me contar o que aconteceu?

— O que aconteceu quando?

— Nas férias.

Dou de ombros.

— Não aconteceu nada.

Ela recua, suspirando.

— Simon, a viagem para os Estados Unidos não foi culpa minha. Tentei ficar.

— Não — digo. — É só que não tenho nada pra contar mesmo. Você foi embora. Todo mundo foi embora. Eu fui pra um abrigo. Em Liverpool, dessa vez.

— Você quer dizer que o Mago só... te mandou embora? Depois de tudo? — Penelope parece confusa, e eu não a culpo.

Eu tinha acabado de fugir do cativoiro, e a primeira medida que o Mago tomou foi me mandar fazer as malas.

Quando Penny e eu contamos a ele o que tinha acontecido, achei que ele fosse querer perseguir o Oco no mesmo instante. Sabíamos onde o monstro estava e finalmente sabíamos que aparência tinha!

O Oco tem atacado Watford desde que cheguei. Ele envia criaturas das trevas. Se esconde de nós. Deixa um rastro de morte na atmosfera mágica. Finalmente, tínhamos uma pista.

Eu queria encontrá-lo. Queria puni-lo. Queria acabar com aquilo, de uma vez por todas, lutando ao lado do Mago.

Penelope pigarreia. Devo parecer tão perdido quanto me sinto.

— Você falou com Agatha? — ela pergunta.

— Agatha? — Passo manteiga em outro biscoito. Já esfriou, então a manteiga não derrete.

Penny levanta a mão direita e a grande pedra roxa em seu dedo brilha à luz do sol.

— *Quanto mais quente melhor!*

É um desperdício de magia. Ela está sempre desperdiçando magia comigo. A manteiga derrete sobre o biscoito agora quentinho, e eu o passo de uma mão para a outra.

— Você sabe que Agatha não tem permissão para falar comigo durante o verão — respondo.

— Achei que ela ia dar um jeito dessa vez — Penelope diz. — Que abriria uma exceção, para tentar se explicar.

Desisto do biscoito pelando, largando-o no prato.

— Ela não desobedeceria o Mago. Ou os pais.

Ela só fica me olhando. Agatha é sua amiga também, mas Penny é muito mais crítica em relação a ela do que eu. Não é meu trabalho criticar Agatha; meu trabalho é ser seu namorado.

Penny suspira e desvia o rosto, chutando a cadeira.

— Então é isso? Nada? Nenhum progresso? Só mais um verão? O que esperam que a gente faça agora?

Em geral, sou eu quem chuto as coisas, mas já passei o verão chutando as paredes — e quem quer que me olhasse enviesado. Dou de ombros.

— Que a gente volte às aulas, acho.

Penelope não quer ir para o quarto dela.

Ela diz que a namorada de Trixie voltou cedo também, e as duas não têm limites.

— Conte que Trixie furou as orelhas nas férias? Está usando um sininho superbarulhento na parte pontuda.

Às vezes acho que as críticas mordazes de Penny em relação a Trixie estão no limite do especismo. Digo isso a ela.

— Pra você é fácil dizer isso — ela comenta, toda esticada na cama de Baz. — Não mora com uma pixie.

— Moro com um vampiro! — argumento.

— Isso ainda não foi confirmado.

— Está me dizendo que não acha que Baz é um vampiro?

— Sei que ele é um vampiro — ela diz. — Mas ainda não foi confirmado. Nunca o vimos bebendo sangue.

Estou sentado no peitoril, ligeiramente inclinado na direção do fosso, me segurando ao trinco da janela aberta.

— Já o vimos coberto de sangue. Encontramos pilhas de ratos secos com marcas de presas nas catacumbas... Já falei que as bochechas de Baz ficam supercheias quando ele tem um pesadelo? Como se sua boca tivesse dentes a mais?

— Provas circunstanciais — Penny diz. — Ainda não sei por que você fica olhando um vampiro ter pesadelos.

— Porque eu moro com ele! Preciso estar sempre atento!

Ela revira os olhos.

— Baz não vai te machucar aqui no quarto.

Ela está certa. Ele não tem como. Os quartos receberam um feitiço contra traição — o anátema do colega de quarto. Se Baz fizer algo para me machucar fisicamente no nosso quarto, vai ser expulso da escola. O pai de Agatha, o dr. Wellbelove, diz que aconteceu quando ele estava na escola. Um garoto deu um soco no colega de quarto, então foi puxado para fora da janela e aterrissou do outro lado do portão da entrada, que nunca mais se abriu para ele.

Recebemos avisos quando somos mais novos: nos dois primeiros anos, quem tenta machucar o colega de quarto sente as mãos ficando

duras e frias. Joguei um livro em Baz uma vez quando estávamos no primeiro ano, e minha mão só voltou ao normal três dias depois.

Baz nunca violou o anátema. Nem mesmo quando éramos mais novos.

— Quem vai saber do que ele é capaz durante o sono? — digo.

— Você — Penny diz. — Porque está sempre de olho nele.

— Moro com uma criatura das trevas, tenho que ser paranoico!

— Eu trocaria minha pixie pelo seu vampiro sem nem pensar. Não tem anátema para impedir alguém de ser irritante até a morte.

Penny e eu voltamos ao refeitório para pegar o jantar — batata-doce assada e linguiça com pãezinhos — e levar para o meu quarto. Não podemos ficar assim juntos quando Baz está. Ele deduraria Penny.

Parece uma festa. Só nós dois, sem nada para fazer. Sem ninguém de quem nos esconder ou contra quem lutar. Penelope diz que vai ser assim um dia, quando morarmos juntos em um apartamento... Mas isso nunca vai acontecer. Ela vai mudar para os Estados Unidos assim que a guerra acabar. Talvez até antes.

E eu vou morar com Agatha.

Agatha e eu vamos resolver seja lá o que esteja acontecendo; nós sempre resolvemos. Faz sentido ficarmos juntos. Provavelmente vamos nos casar logo depois da escola, como aconteceu com os pais dela. Sei que Agatha quer morar no interior... Não posso pagar por algo assim, mas ela tem dinheiro, e vai encontrar um trabalho que a faça feliz. O pai dela vai me ajudar a encontrar um emprego se eu pedir.

É legal pensar nisso: em viver por tempo o bastante para descobrir o que quero fazer da vida.

Assim que Penelope acaba de comer, ela limpa as mãos.

— Então — diz.

Resmungo.

— Ainda não.

— Como assim, “ainda não”?

— Ainda não estou pronto para bolar estratégias. Acabamos de chegar. Nem desfiz as malas.

Ela olha em volta.

— Como assim, Simon? Estou vendo suas calças de moletom bem ali.

— Estou curtindo a paz e a tranquilidade.

Pego o prato dela para comer o que sobrou da linguiça.

— Não tem paz nenhuma — Penny diz. — Só tranquilidade. Isso me deixa nervosa. Precisamos de um plano.

— Tem paz, *sim*. Baz ainda não chegou. E olha só — faço um gesto amplo com o garfo dela na mão —, não tem ninguém atacando a gente.

— Diz o garoto que acabou de matar um goblin. *Simon* — ela diz —, não fizeram um intervalo na guerra só porque ficamos dois meses fora.

Solto outro resmungo.

— Você parece o Mago falando — digo, com a boca cheia.

— Ainda não consigo acreditar que ele te ignorou as férias todas.

— Deve estar ocupado demais com “a guerra”.

Penny suspira e cruza as mãos. Está esperando que eu seja razoável.

Vai continuar esperando.

*A guerra.*

Não há por que falar nela. Vai chegar aqui logo mais. Nem é somente uma guerra, são duas ou três — a guerra civil que está sendo articulada, as hostilidades com as criaturas das trevas que sempre

existiram, o que quer que esteja rolando com o Oco —, e elas vão encontrar o caminho até minha porta em algum momento...

— Então — Penny repete. Devo estar com uma aparência péssima, porque em seguida ela diz: — Vamos deixar esse assunto pra depois, a guerra ainda vai estar rolando amanhã.

Limpo o prato de Penny. Ela se ajeita na cama de Baz e eu nem reclamo. Deito de costas na minha cama, enquanto a ouço falar sobre aviões, supermercados americanos e a família enorme de Micah.

Ela pega no sono quando está me contando sobre uma música que ouviu, uma música que acha que vai virar um feitiço um dia, embora eu não consiga pensar em nenhum uso para “Call me, maybe”.

— Penelope?

Ela não responde. Eu me inclino e bato com o travesseiro em suas pernas, porque as camas ficam bem perto uma da outra. Baz nem teria que levantar para me matar. Ou vice-versa, imagino.

— *Penny.*

— *Quê?* — ela diz para o travesseiro de Baz.

— *Você tem que voltar pro seu quarto.*

— *Não quero.*

— *Mas precisa. Você vai ser suspensa se o Mago te pegar aqui.*

— *Tudo bem. Vou gostar de ter um tempinho livre.*

Levanto da cama e olho para ela. Seu cabelo escuro está espalhado pela fronha, os óculos apertados contra a bochecha. Sua saia subiu, e as coxas nuas parecem carnudas e macias.

Dou um beliscão nela, e a faço pular.

— *Anda* — digo. — *Eu te levo.*

Penny endireita os óculos e ajeita a blusa.

— *Não. Não quero que você saiba como faço para vir.*



— Porque isso não é algo que se deva compartilhar com o melhor amigo?

— Porque é divertido ver você tentando descobrir.

Abro a porta e dou uma olhada na escada. Não vejo nem ouço ninguém.

— Tá bom — eu digo, segurando a porta aberta. — Boa noite.

Penny passa por mim.

— Boa noite, Simon. Até amanhã.

Sorrio. Não posso evitar, é bom estar de volta.

— Até amanhã.

Assim que fico sozinho, visto o pijama. Baz traz o dele de casa, mas gosto do pijama da escola. Não durmo de pijama quando estou nos abrigos, nunca dormi. Faz com que eu me sinta... não sei, vulnerável. Eu me troco e vou para a cama, suspirando.

Essas noites em Watford, antes que Baz chegue, são as únicas em que eu realmente durmo.

Não sei que horas são quando acordo. O quarto está escuro, e um feixe de luar atravessa minha cama.

Acho que vejo uma mulher à janela, e a princípio penso que é Penny. Então a figura se move, e acho que é Baz.

Então decido que estou sonhando e volto a dormir.

# 6

## LUCY

Tem tanta coisa que quero contar a você.

Mas o tempo é curto.

E minha voz não tem alcance.

# 7

## SIMON

O sol está nascendo quando ouço a porta do quarto se abrir. Puxo o cobertor até o rosto.

— Vai embora — digo, esperando que Penny puxe papo mesmo assim. Ela é ótima em me fazer esquecer rapidinho o quanto senti sua falta durante as férias.

Alguém pigarreia.

Abro os olhos e vejo o Mago de pé perto da porta, parecendo achar graça — pelo menos aparentemente. Por baixo disso, é mais sombrio.

— Senhor. — Sento na hora. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar, Simon. Você não deve ter me ouvido bater.

— Não... Me deixa só... vou só, hum, me trocar.

— Não há necessidade — ele diz, passando o mais longe possível da cama de Baz em seu caminho para a janela. Até o Mago tem medo de vampiro. Embora ele provavelmente não fosse usar a palavra “medo”. Diria que é “cauteloso” ou “prudente”.

— Sinto muito por não ter estado aqui para recebê-lo ontem — o Mago diz. — Como foi a viagem?

Afasto as cobertas e sento na beirada da cama. Ainda estou de pijama, mas pelo menos não estou mais deitado.

— Boa — digo. — Quer dizer, acho que... não exatamente. O taxista era um goblin.

— Outro goblin? — Ele se vira da janela para mim, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Criaturas persistentes, não? Ele estava sozinho?

— Sim, senhor. Tentou me sequestrar.

O Mago balança a cabeça.

— Eles nunca pensam em trabalhar em duplas. Que feitiço você usou?

— Usei a espada, senhor. — Mordo o lábio.

— Certo — ele diz.

— E tudo-que-é-sólido-desmancha-no-ar para limpar.

O Mago levanta a sobrancelha.

— Excelente, Simon. — Ele olha para meu pijama e meus pés descalços, então parece avaliar meu rosto. — E quanto às férias? Algo a relatar? Acontecimentos incomuns?

— Eu teria comunicado, senhor.

(Posso entrar em contato com ele se precisar. Tenho seu número de celular. Ou posso mandar um pássaro.)

O Mago assente.

— Bom.

Ele me olha por mais alguns segundos, então volta a virar para a janela, como se já tivesse observado tudo o que precisava em mim. A luz do sol bate em seus cabelos grossos e castanhos, e por um minuto ele parece ainda mais um herói de capa e espada que o normal.

O Mago está de uniforme: calça justa verde-escura, botas de couro de cano alto, uma túnica verde com bolsinhos, e uma espada

embainhada no cinto. Diferentemente da minha, a dele fica totalmente visível.

A mãe de Penny diz que os magos anteriores usavam capa com capuz e que os outros diretores usavam toga e barrete. O Mago, ela diz, criou seu próprio uniforme. Que ela chama de fantasia.

Acho que a sra. Bunce é quem mais odeia o Mago no mundo, sem contar seus inimigos de verdade. As únicas vezes em que ouço o pai de Penny falar é quando a esposa começa a atacar o Mago; ele apenas toca o braço dela e diz:

— Mitali, por favor...

E então ela diz:

— Desculpe, Simon, sei que o Mago é seu pai adotivo...

Mas ele não é, na verdade. O Mago nunca se apresentou assim para mim. Como minha família. Ele sempre me tratou como um aliado, desde que eu era pequeno. Quando me trouxe para Watford pela primeira vez, me levou para sua sala e me contou tudo. Sobre o Oco Insidioso. Sobre a magia perdida. Sobre os buracos na atmosfera, como pontos mortos.

Eu ainda estava tentando aceitar que magia *existia*, e lá estava ele, me contando que algo a estava matando — consumindo, encerrando — e só eu podia impedir.

— Você é jovem demais para ouvir isso, Simon. Onze anos é jovem demais. No entanto, não é justo continuar escondendo isso de você. O Oco Insidioso é a maior ameaça que o Mundo dos Magos já enfrentou. Ele é poderoso, penetrante. Lutar contra ele é como lutar contra o sono quando já se está muito além do limite da exaustão.

“Mas devemos fazer isso. Queremos proteger você. Jurei fazê-lo mesmo à custa de minha própria vida. Mas você deve aprender assim

que possível a se proteger sozinho da melhor maneira, Simon.

“Ele é nossa maior ameaça. E você, nossa maior esperança.”

Eu estava atordoado demais para responder ou fazer perguntas. Era jovem demais. Só queria ver o Mago fazer aquele truque de novo, fazer o mapa se desenrolar sozinho.

Passei meu primeiro ano em Watford dizendo a mim mesmo que estava sonhando. E o ano seguinte dizendo a mim mesmo que não estava...

Eu já tinha sido atacado por ogros, destruído monumentos de pedra e crescido treze centímetros antes de pensar em perguntar:

*Por que eu?*

Por que *eu* tinha que lutar contra o Oco?

O Mago respondeu essa pergunta de uma dúzia de maneiras diferentes ao longo dos anos.

*Porque eu fui escolhido. Porque a profecia diz. Porque o Oco não me deixa em paz.*

Nenhuma dessas respostas é a verdadeira. Penelope me deu a única que me serve...

— Porque você pode fazer isso, Simon. E alguém tem que fazer.

Agora, o Mago observa alguma coisa pela janela. Penso em convidá-lo para sentar. Tento lembrar se já o vi sentado alguma vez.

Faço um movimento e a cama chia. Ele vira para mim, parecendo perturbado.

— Senhor?

— Simon.

— O Oco... você o encontrou? O que perdi?

O Mago esfrega a ponta do queixo entre o polegar e o indicador, então balança a cabeça rapidamente de um lado para o outro.

— Nada. Não estamos mais próximos de encontrá-lo, e outros assuntos exigiram minha atenção imediata.

— O que pode ser mais importante que o Oco? — solto.

— Não mais importante — ele diz. — Apenas mais urgente. São as famílias antigas. Elas estão me testando. — O Mago cerra a mão direita em punho. — Metade do País de Gales parou com o dízimo. Os Pitch estão pagando três membros do conciliábulo para não ir às reuniões, de modo que não tenhamos quórum. E houve escaramuças de um lado a outro da estrada para Londres o verão inteiro.

— Escaramuças?

— Armadilhas, disputas. Testes. Tudo isso é um teste, Simon. Você sabe que as famílias antigas tomariam as rédeas se eu me distraísse por um momento que seja. Voltariam atrás em tudo o que evoluímos.

— Elas acham que podem lutar contra o Oco sem nós?

— Acho que estão tão cegas — ele diz, olhando para mim — que nem se importam. Só querem poder, e imediatamente.

— Bom, não ligo para elas — digo. — Se o Oco ficar com nossa magia, não vamos ter nada para tirarem de nós. É melhor lutar contra ele.

— Vamos fazer isso quando for o momento certo. Quando soubermos como derrotá-lo. Até então, minha prioridade é manter você seguro. Simon... — Ele cruza os braços. — Consultei os outros membros do conciliábulo, aqueles em que posso confiar. Achamos que nossos esforços para protegê-lo podem ter saído pela culatra. Apesar dos feitiços e de toda a vigilância, o Oco parece ter mais facilidade para chegar até você quando está aqui, em Watford. Ele raptou você em junho sem disparar nenhum alerta.

É constrangedor ouvi-lo dizer isso. Parece que esse fracasso é meu, não do Mago ou dos feitiços de proteção. Sou supostamente o único que consegue encarar o Oco, mas quando finalmente tive uma chance, o máximo que consegui fazer foi fugir. Nem acho que teria sido capaz sem Penelope.

O Mago cerra os dentes. Tem um desses queixos retos, com uma covinha profunda, como se tivesse sido esculpido a faca. Morro de inveja.

— Decidimos — ele diz, devagar — que você ficará mais seguro em outro lugar.

Não tenho muita certeza do que ele está dizendo.

— Senhor?

— O conciliábulo encontrou um lugar para você. E um tutor. Não posso entrar em detalhes agora, mas vou levá-lo para lá pessoalmente. Partiremos em breve. Preciso voltar antes que a noite caia.

— Quer que eu vá embora de Watford?

Ele estreita os olhos. Odeia se repetir.

— Sim. Não precisa levar muita coisa. Só suas botas e a capa, quaisquer artefatos que queira guardar...

— Senhor. Não posso deixar Watford. As aulas começam essa semana.

Ele inclina a cabeça.

— Simon. Você não é mais criança. Não tem mais nada que possa aprender em Watford.

Talvez ele esteja certo. Sou um péssimo aluno, não é como se esse ano fosse fazer diferença. Mesmo assim...

— Não posso ir embora. É meu último ano.

O Mago alisa a barba. Seus olhos se estreitam até virarem fendas.



— Não posso — repito. Tento pensar em um motivo, mas a única coisa que me vem à mente é “não”. Não posso deixar Watford. Esperei as férias inteiras para chegar aqui. Esperei a vida inteira. Estou sempre em Watford ou desejando estar em Watford, e no ano que vem isso vai mudar, vai ter que mudar, mas *ainda não*. — Não — eu digo. — Não posso.

— Simon — ele diz, com severidade na voz. — Isso não é uma *sugestão*. Sua vida corre risco. E todo o Mundo dos Magos conta com você.

Tenho vontade de dizer: *Baz* não conta comigo. Nenhum feiticeiro da família Pitch acredita que sou seu salvador...

Cerro tanto os dentes que quase consigo sentir sua forma. Balanço a cabeça.

O Mago cruza os braços e faz cara feia para mim, como se eu fosse uma criança que se recusa a ouvir.

— Nunca lhe ocorreu, Simon, que o Oco só ataca você quando está aqui?

— E isso só ocorreu a você agora? — Engulo em seco. — Ao senhor — corrijo, tarde demais.

— Não consigo entender! — o Mago diz, levantando a voz. — Você nunca questionou minhas decisões!

— Você nunca me pediu para deixar Watford!

Seu rosto se endurece.

— Simon, estamos em guerra. Preciso lembrá-lo disso?

— Não, senhor.

— E todos precisamos fazer sacrifícios em tempos de guerra.

— Mas *sempre* estivemos em guerra — digo. — Desde que cheguei aqui. Não podemos parar de viver porque estamos em guerra.

— Não podemos? — Ele finalmente perde a paciência. Abaixa a mão e a coloca no punho da espada. — Olhe para mim, Simon. Me vê levar algo que se assemelha a uma vida normal? Onde está minha esposa? Meus filhos? Minha casa no campo com uma poltrona confortável e um cachorro gordo que traz meus chinelos? Para onde vou nos feriados? Quando tiro férias? Quando faço *qualquer coisa* além de me preparar para a batalha à frente? Não podemos ignorar nossas responsabilidades só porque elas são chatas.

Minha cabeça cai, como se ele a tivesse empurrado.

— Não é isso — murmuro.

— Fale alto.

Levanto a cabeça.

— Não é isso, senhor.

Nossos olhares se encontram.

— Vista-se. E pegue suas coisas.

Sinto todos os músculos do meu corpo se contraírem. Todas as juntas travarem.

— Não.

*Não posso.* Acabei de chegar. As últimas férias foram as piores que já tive. Só aguentei porque voltaria para Watford quando elas terminassem, mas não aguento mais. Não consigo. Minhas reservas estão vazias, e o Mago nem me disse para onde quer que eu vá. E quanto a Penny? Agatha?

Balanço a cabeça. Ouço o Mago inspirar com força, e quando levanto os olhos tem uma névoa vermelha entre nós.

*Ah, merda.*

Ele recua um passo.

— Simon — diz. Está com a varinha na mão. — *Fica frio!*

Pego minha própria varinha e começo a proferir feitiços.

— *Aguenta aí! Engole essa! Fica firme! Se segura!*

Mas feitiços exigem magia e recorrer à minha magia agora só faz com que ela venha à superfície; o vermelho entre nós se intensifica. Fecho os olhos e tento desaparecer. Não pensar em nada. Caio na cama, e minha varinha vai ao chão.

Quando volto a pensar, o Mago está inclinado sobre mim, com a mão na minha testa. Sinto cheiro de queimado — acho que são os lençóis.

— Desculpa — sussurro. — Eu não queria...

— Eu sei — ele diz, mas ainda parece assustado. O Mago tira meu cabelo da testa e depois roça os nós dos dedos na minha bochecha.

— Por favor, não me obrigue a ir embora — imploro.

Ele olha em meus olhos, e através deles. Posso ver que está refletindo... e cedendo.

— Vou falar com o conciliábulo — ele diz. — Talvez ainda tenhamos tempo... — O Mago aperta os lábios. Tem um bigode bem fino, do qual tanto Baz quanto Agatha gostam de tirar sarro. — Mas não é só com a *sua* segurança que nos preocupamos, Simon...

Ele continua inclinado sobre mim. Parece que não há nada entre nós para inalar além de fumaça.

— Vou falar com o conciliábulo — ele diz, então aperta meu ombro e se endireita. — Precisa de um enfermeiro?

— Não, senhor.

— Fale comigo se algo mudar. Ou se vir algo estranho. Qualquer sinal do Oco ou outra coisa... fora do comum.

Assinto.

O Mago sai do quarto com a mão apoiada no punho da espada — o que significa que está pensando — e fecha a porta atrás de si.

Eu me viro para me certificar de que a cama não está pegando fogo, então volto a dormir.

# 8

## LUCY

E a neblina é tão densa.

# 9

## SIMON

Penny está sentada à minha escrivaninha quando acordo. Está lendo um livro tão grosso quanto seu braço.

— Já passou do meio-dia — ela diz. — O abrigo te deixou preguiçoso. Vou escrever uma carta para o jornal.

— Você não pode ficar entrando no meu quarto sem bater — digo, levantando e esfregando os olhos. — Ainda que tenha uma chave mágica.

— Não é com uma chave mágica que entro, e eu bati, sim. Você estava ferrado no sono.

Passo por ela no caminho para o banheiro. Penny funga, então fecha o livro.

— Simon, você explodiu?

— Mais ou menos. É uma longa história.

— Atacaram você?

— Não. — Fecho a porta do banheiro e falo mais alto: — Depois te conto.

Penny vai pirar quando souber que o Mago quer que eu vá embora.

Olho para o espelho e tento decidir se tomo banho ou não. Meu cabelo está grudado na cabeça de um lado e espetado do outro — sempre sujo quando perco o controle assim. Me sinto todo sujo.

Examino o rosto no espelho, esperando precisar fazer a barba, mas não preciso. Nunca preciso. Eu teria um bigode igual ao do Mago se pudesse, e nem ligaria se Baz tirasse sarro.

Tiro a camiseta e esfrego o pingente de cruz de ouro da minha correntinha. Não sou religioso — é um talismã. Tem passado de geração a geração da família de Agatha, como uma proteção contra vampiros. Estava preto e embaciado quando o dr. Wellbelove me deu, mas o esfreguei tanto que ficou dourado. Às vezes ponho na boca. (O que provavelmente não é algo que se deva fazer com uma relíquia medieval.) Não preciso usá-lo durante o verão, mas depois que me acostumei a usar um colar antivampiro, parece idiota tirar.

As outras crianças do abrigo sempre pensam que sou religioso. (E que fumo um maço de cigarros por dia, porque estou sempre cheirando a fumaça.)

Olho no espelho de novo. Penny tem razão. Estou magro demais. Minhas costelas estão saltadas. Dá para ver os músculos da minha barriga, e não porque sou sarado, mas porque faz três meses que não como direito. Fora que tenho pintas no corpo todo, então pareço ter alguma doença mesmo quando não estou desnutrido.

— Vou tomar um banho! — grito.

— Anda logo, ou vamos perder o almoço!

Ouçõ Penny andando pelo quarto enquanto entro no boxe. Então ela diz do outro lado da porta:

— Agatha voltou.

Ligo o chuveiro.

— Simon, você me ouviu? Agatha voltou!

Eu ouvi.

Qual é a norma para falar com a namorada depois de três meses, sendo que da última vez que você a viu ela segurava as mãos de seu arqui-inimigo? (As duas mãos. E eles estavam cara a cara. Como se fossem começar a cantar.)

As coisas estavam meio estranhas com Agatha mesmo antes que eu a visse com Baz na floresta. Ela andava distante e quieta, e quando me machuquei em março (alguém mexeu na minha varinha), ela só revirou os olhos. Como se fosse culpa minha.

Agatha é a única menina que já namorei. Estamos juntos desde os quinze, então já faz três anos. Mas eu gostava dela muito antes disso. Gosto dela desde a primeira vez que a vi, atravessando o gramado, com o cabelo claro e comprido balançando ao vento. Lembro de pensar que nunca tinha visto nada tão lindo. De pensar que, se eu fosse tão lindo, tão gracioso, nada poderia me atingir de fato. Seria como um leão, ou um unicórnio. Ninguém poderia me atingir de fato, porque nem estaria no *mesmo plano* que as outras pessoas.

Só sentar perto de Agatha já faz a pessoa se sentir meio intocável. Elevada. Como se estivesse perto do sol.

Então imagine a sensação de namorar a garota. É como se você carregasse essa luz consigo o tempo todo.

Tem uma foto de nós dois juntos, tirada no último solstício de inverno. Agatha está com um vestido longo branco, e a mãe entremeou visco em seu cabelo dourado e leitoso. Também estou de branco. Me senti meio ridículo, mas na foto... bom, estou ótimo. Ao lado de Agatha, usando o terno que o pai dela me emprestou... pareço a pessoa que supostamente deveria ser.



O refeitório já está meio cheio hoje. As aulas começam amanhã. As pessoas estão sentadas às mesas ou de pé em rodinhas, colocando o papo em dia.

Tem sanduichinhos de presunto e queijo de almoço. Penelope pega um prato de manteiga para mim, o que me faz sorrir. Eu comeria manteiga de colher se fosse aceitável. (No primeiro ano, comia sempre que era o primeiro a chegar para o café da manhã.)

Procuro Agatha pelo salão, mas não a vejo. Não deve ter vindo almoçar. Não posso acreditar que esteja aqui e não tenha vindo sentar com a gente, apesar do estado das coisas.

Rhys e Gareth, os meninos do quarto abaixo do meu, já estão sentados no outro extremo da nossa mesa.

— E aí, Simon? — Rhys pergunta. Gareth grita com alguém do outro lado do salão.

— E aí? — respondo.

Rhys acena com a cabeça para Penny. Ela nunca tem tempo para a maior parte dos nossos colegas, então eles não se importam muito com ela. Eu ficaria incomodado se todo mundo me ignorasse assim, mas Penny parece gostar de não ter distrações.

Às vezes, quando atravesso o refeitório cumprimentando as pessoas, Penny puxa minha manga para me apressar.

— Você tem amigos demais — ela diz.

— Tenho certeza de que isso não existe. Além do mais, eu não chamaria essas pessoas de “amigos”.

— O dia tem determinado número de horas, Simon. Só temos tempo para duas ou três pessoas no máximo.

— Tem mais do que três pessoas só na sua família, Penny.

— Eu sei. Não é fácil.

Uma vez, comecei a fazer uma lista das pessoas com quem eu realmente me importava. Quando cheguei a sete, Penelope disse que eu precisava reduzir aquela lista ou parar de fazer amigos imediatamente.

— Minha mãe diz que nunca se deve ter mais pessoas na sua vida do que você poderia defender de um raxasa faminto.

— Nem sei o que é isso — eu disse a ela —, mas não estou preocupado. Sou bom de briga.

Gosto de ter pessoas na minha vida. Algumas próximas, como Penny, Agatha, o Mago, Ebb, a srta. Possibelf e o dr. Wellbelove. E colegas como Rhys e Gareth. Se eu seguisse as regras de Penny, nunca conseguiria gente o bastante para jogar futebol.

Ela acena meio sem vontade para os meninos, então senta entre mim e eles, virando na minha direção para impedi-los de entrar na conversa.

— Vi Agatha com os pais — ela diz. — Mais cedo, no Claustro.

O Claustro é a maior e a mais antiga casa feminina, um prédio comprido que fica do outro lado do terreno da escola. Tem só uma porta, e todas as janelas são feitas de vários vitrais minúsculos. (As pessoas devem ter ficado muito paranoicas quando começaram a aceitar meninas na escola, no século XVII.)

— Quem? — pergunto.

— *Agatha.*

— Ah.

— Posso ir buscar ela, se você quiser — Penny se oferece.

— Desde quando é minha garota de recados?

— Achei que você não ia querer falar com ela na frente de todo mundo — Penny diz. — Depois do que aconteceu.

Dou de ombros.

— Não tem problema. Agatha e eu estamos bem.

Penny parece surpresa, depois em dúvida. Ela sacode a cabeça, deixando isso para lá.

— Bom — ela diz, rasgando um pedaço de sanduíche —, então a gente pode procurar o Mago depois do almoço.

— Por quê?

— Por quê? Você acha que é fofo se fazer de bobo?

— Sim?

Ela revira os olhos.

— Precisamos ir atrás do Mago para que nos diga o que aconteceu durante as férias. O que ele descobriu sobre o Oco.

— Ele não descobriu nada. Já falei com ele.

Ela para no meio de uma mordida.

— Quando?

— Ele passou no meu quarto hoje de manhã.

— E quando você pretendia me contar?

Dou de ombros e enfio os últimos cinco centímetros de sanduíche na boca.

— Quando você me desse a chance.

Penny revira os olhos de novo. (Ela faz isso bastante.)

— Ele não tinha nada a dizer?

— Sobre o Oco, não. Ele... — Olho para meu prato, então em volta, rapidamente. — Ele disse que as famílias antigas estão criando problemas.

Ela assente.

— Minha mãe diz que estão articulando uma moção de censura contra ele.

— Elas podem fazer isso?

— Estão tentando. E houve duelos durante o verão todo. Um amigo de Premal, Sam, duelou contra um dos primos Grimm depois do casamento, e agora ele vai ser julgado.

— Quem?

— Um dos primos Grimm.

— Pelo quê?

— Feitiços proibidos — ela diz. — Palavras banidas.

— O Mago acha que tenho que partir — digo.

— Como assim? Partir para onde?

— Ele acha que devo ir embora de Watford.

Os olhos de Penny se arregalam.

— Para lutar com o Oco?

— Não. — Balanço a cabeça. — Só... ir embora. Ele acha que eu ficaria mais seguro em outro lugar. E que todo mundo aqui ficaria mais seguro se eu fosse embora.

Os olhos dela se arregalam cada vez mais.

— Mas pra onde você iria, Simon?

— Ele não disse. Algum lugar secreto.

— Tipo um esconderijo? — ela pergunta.

— Acho que sim.

— E quanto à escola?

— Ele não acha que seja importante no momento.

Penny desdenha. Ela acha que o Mago sempre subestimou os estudos. Especialmente os clássicos. Quando ele fechou o programa de linguística, ela escreveu uma carta severa para os membros do conselho.

— O que ele quer que você faça?

— Vá embora. Fique em segurança. Treine.

Ela cruza os braços.

— Numa montanha. Com ninjas. Que nem o Batman.

Dou risada, mas Penny não ri comigo. Ela se inclina para a frente.

— Você não pode ir embora, Simon. Ele não pode te esconder num buraco pelo resto da vida.

— Eu não vou — digo. — Já falei que não ia.

Ela abaixa o queixo.

— Você falou que não ia?

— Eu... bom, não posso simplesmente ir embora, não acha? É o nosso último ano.

— Concordo. Você falou que não ia?

— Eu falei que não queria! Não quero me esconder e ficar esperando o Oco me encontrar. Não parece um bom plano.

— E o que o Mago disse?

— Ele não disse muito. Fiquei chateado e comecei a...

— *Eu sabia!* Seu quarto estava cheirando a acampamento. Minha nossa! Você *explodiu* com o Mago?

— Não. Eu me segurei.

— *Sério?* — Ela parece impressionada. — Parabéns, Simon.

— Mas acho que o assustei.

— Eu teria me assustado também.

— Penny, eu...

— O quê?

— Você acha que ele está certo?

— Acabei de dizer que não acho.

— Não. Sobre... eu ser um perigo para Watford. Um perigo para...

— Olho para a mesa dos alunos do primeiro ano. Eles pularam os

sanduíches e estão se enchendo de rocambole de geleia. — Para todo mundo.

Penny rasga outro pedaço do sanduíche.

— É claro que não.

— *Penelope*.

Ela suspira.

— Você se segurou, não foi? Hoje de manhã? Quando foi que feriu alguém além de si mesmo?

— Fala sério, Penny, quer que eu faça uma lista? Vou começar com as decapitações. Vou começar com *ontem*.

— Isso não conta, foi numa batalha.

— Acho que conta, sim.

Ela cruza os braços de novo.

— Entra em *outra* conta.

— Nem é só isso — digo. — É que... sou um alvo. O Oco só me ataca quando estou em Watford, e só ataca Watford quando estou aqui.

— Não é culpa sua.

— E daí?

— Bom, você não pode fazer nada quanto a isso.

— Posso, sim — digo. — Posso ir embora.

— *Não*.

— Que argumento convincente...

Passo manteiga no meu terceiro sanduichinho. Minhas mãos estão tremendo.

— Não. Simon. Você não pode simplesmente ir embora. Não pode. Olha, se você é um alvo, então quem corre mais risco sou eu. Passamos a maior parte do tempo juntos.

— *Eu sei.*

— Não, quero dizer... olha pra mim. Eu estou bem.

Olho para ela.

— Estou *bem*, Simon. Baz também, e ele está preso com você.

— Você está ignorando todas as vezes em que quase morreu por minha causa. O Oco me sequestrou faz só alguns meses, e você foi arrastada junto.

— Graças a Morgana.

Ela está olhando nos meus olhos, então tento não desviar o rosto. Às vezes fico feliz que Penny use óculos: seu contato visual é tão ardente que é bom ter um amortecedor.

— Eu disse ao Mago que não ia — repito.

— Ótimo — ela fala. — Continue dizendo.

— *Vovó!* — uma aluna grita, interrompendo nossa conversa, e já começo a sussurrar o encantamento para invocar minha espada. Do outro lado do corredor, a menina do segundo ou terceiro ano corre na direção da figura cintilante à porta.

— Ah... — Penelope diz, admirada.

A figura ganha e perde nitidez, como o holograma da princesa Leia. Quando a menina chega, a figura — que parece ser uma senhora de terninho branco — se ajoelha e a pega. Elas se abraçam sob a arcada. Então a figura desaparece por completo. A menina fica ali, tremendo, então alguns amigos correm para se juntar a ela e ficam pulando no lugar.

— Que legal — Penelope diz. Ela vira para mim e nota minha espada. — Cobras me piquem, Simon, guarda esse negócio.

Mantenho a espada comigo.

— O que foi *aquilo*?

— Você não sabe?

— *Penelope.*

— Ela recebeu uma visita. Sortuda.

— Como assim? — Guardo a espada. — Que tipo de visita?

— Simon, o véu está sendo erguido. Sei que você sabe disso. Estudamos em história mágica.

Faço uma careta e sento de novo, tentando decidir se já estou cheio.

— “E na vigésima volta” — Penny diz —, “quando o ano se esvai e noite e dia sentam em paz à mesma mesa, o véu será erguido. E quem tiver luz a lançar poderá atravessá-lo, desde que não se demore. Cumprimente-os com alegria e confiança, pois sua boca, embora morta, fala a verdade.”

Penny está usando sua voz de citação, então sei que é um trecho de um texto antigo qualquer.

— Você não está ajudando — digo.

— O véu está sendo erguido — ela repete. — A cada vinte anos, os mortos podem falar com os vivos se tiverem algo que realmente precisa ser dito.

— Ah... — digo. — Acho que posso ter ouvido falar disso... mas imaginei que fosse mito.

— Seria de imaginar que depois de sete anos você teria parado de dizer coisas desse tipo em voz alta.

— Bom, como eu ia saber? Não tem nenhum livro a respeito, tem? *Todas as coisas mágicas que são verdade e todas as que não passam de besteira, como você sempre imaginou.*

— Você é o *único* feiticeiro que não foi criado com magia. É o único que leria um livro com esse título.



— Papai Noel não existe — digo —, mas a Fada do Dente, sim. Essas coisas não têm lógica.

— Bom, o véu é muito real — Penny diz. — É o que impede as almas de vagar por aí.

— Mas agora está sendo erguido?

Tenho vontade de pegar minha espada de novo.

— O equinócio de outono, quando o dia e a noite têm a mesma duração, está chegando — ela diz. — O véu se afina e então se ergue, como uma neblina. Então as pessoas voltam para nos contar coisas.

— Pra todos nós?

— Bem que eu queria. As pessoas só voltam se têm algo importante a dizer. Algo verdadeiro. É como se voltassem para prestar depoimento.

— Parece bem dramático.

— Minha mãe disse que uma tia voltou há vinte anos para contar sobre um tesouro escondido. Está esperando que ela retorne esse ano para revelar mais coisas.

— Que tipo de tesouro?

— Livros.

— Claro.

Decido terminar o sanduíche. E o ovo cozido de Penny.

— Mas, às vezes, é um escândalo — ela diz. — Pessoas voltam para revelar casos extraconjugais. Assassinatos. A teoria é de que as chances de atravessar são maiores se a mensagem for fazer justiça.

— E como alguém saberia disso?

— É só uma teoria — Penny diz. — Mas se a tia Beryl aparecer para mim, vou perguntar a ela tudo o que puder antes que desapareça.

Eu me viro para olhar pelo corredor.

— O que será que a avó daquela menina veio contar?

Penny ri e empilha os pratos.

— Provavelmente a receita secreta de caramelo dela.

— Então esses visitantes... não são zumbis?

Não custa nada confirmar esse tipo de coisa.

— Não, Simon. Eles são inofensivos. A menos que você tenha medo da verdade.

# 10

## O MAGO

Eu deveria fazê-lo ir. Poderia fazê-lo ir.

Ele não é mais criança, mas ainda obedeceria a uma ordem.

*Prometi tomar conta dele.*

Como cumprir uma promessa desse tipo? Tomar conta de uma criança quando essa criança é o maior poder que já se viu...

O que *significa* tomar conta de um poder? Usá-lo? Conservá-lo? Impedir que vá parar em mãos erradas?

Eu achei que poderia ajudar mais Simon, especialmente agora. Que poderia ajudá-lo a desenvolver o poder. Ajudar a controlá-lo.

Deve haver um feitiço para ele... palavras mágicas que o fortaleceriam. Um ritual que administraria melhor o poder. Ainda não descobri quais são, mas isso não significa que não está por aí. Que não existe!

Se eu encontrar...

Será o bastante estabilizar o poder, se eu não conseguir estabilizar o garoto?

Isso não está na profecia; nela, nada consta sobre crianças teimosas.

Eu poderia esconder Simon do Oco.

Poderia escondê-lo de tudo o que não está pronto para encarar.

Poderia... *deveria!* Eu deveria ordenar que fosse embora, e ele obedeceria. Ele ainda me daria ouvidos.

Mas e se não fosse o caso?

*Simon Snow, eu te perderia por completo?*

# 11

## LUCY

Ouçá-me.

Ele era o primeiro da família em Watford, o primeiro com poder o bastante para passar pelos testes. Veio sozinho do País de Gales, de trem.

David.

Nós o chamávamos de Davy. (Bem, alguns de nós só o chamávamos de bobo.)

Ele não tinha amigos — acho que nunca teve. Acho que nem *eu* era sua amiga, pelo menos a princípio.

Eu era apenas a única que ouvia.

— Mundo dos Magos — ele dizia. — Que mundo, eu te pergunto, *que mundo?* Isto não é uma escola; escolas educam, escolas *elevam* as pessoas. Está me entendendo?

— *Eu* estou aprendendo aqui — eu disse.

— Está mesmo, não está? — Seus olhos azuis brilhavam. Sempre havia fogo em seus olhos. — Você ganha poder. Você aprende o código secreto. Porque seu pai tinha isso tudo, assim como o seu avô. Você faz parte da turma.

— Você também, Davy.

— Só porque sou poderoso demais para impedirem que eu entre aqui.

— Certo — eu disse. — E foi assim que você entrou para a turma.

— Que sorte a minha.

— Não sei se você está falando sério ou...

— Que sorte a minha — repetiu. — Que azar dos outros. Esse lugar não tem nada de compartilhar conhecimento. Só mantém o conhecimento nas mãos dos ricos.

— Dos mais poderosos, você quer dizer.

— Dá na mesma — ele retrucou. Ele sempre retrucava. Seus olhos estavam sempre brilhando e sua língua estava sempre pronta.

— Então você não queria estar aqui? — perguntei.

— Você sabia que as missas costumavam ser em latim porque a Igreja não achava que a palavra de Deus podia ser confiada à congregação?

— Você está falando de cristianismo? Não sei nada a respeito.

— Por que estamos aqui, Lucy? Quando tantos outros são recusados?

— Porque somos os mais poderosos. É importante que aprendamos a controlar e usar nossa magia.

— É importante mesmo? Não seria *mais importante* educar os menos poderosos? Ajudar essas pessoas a tirar máximo proveito do que têm? Deveríamos ensinar apenas poetas a ler?

— Não estou entendendo o que você quer. Você está *aqui*, Davy. Em Watford.

— Estou aqui. Talvez, se eu conhecer as pessoas certas, se me curvar e rastejar diante de todo Pitch e Grimm, eles vão me ensinar seus feitiços mais complicados. Talvez permitam que eu me sente à sua

mesa. Então vou poder passar o resto da vida como eles, me certificando de que ninguém mais tire isso de mim.

— Não é isso que eu vou fazer com a minha magia.

Ele parou de falar por um momento para me olhar.

— O que você vai fazer, Lucy?

— Ver o mundo.

— O Mundo dos Magos?

— Não, *o mundo*.

Tenho tanta coisa para contar.

Mas o tempo é curto. O véu está denso.

E é preciso magia para falar, uma alma cheia de magia.

# 12

## SIMON

Por acaso, estou sozinho quando vejo Agatha.

Estou deitado no gramado, pensando em quando cheguei aqui pela primeira vez e a grama me pareceu tão linda que achei que não fosse permitido pisar nela.

Agatha está de calça jeans e uma blusa branca de tecido fino. Ela vem devagar na minha direção, bloqueando o sol ao subir o morro, de modo que por apenas um segundo um halo se forma em torno de seu cabelo loiro.

Ela sorri, mas sei que está nervosa. Me pergunto se esteve procurando por mim. Eu sento, e ela senta ao meu lado na grama.

— Oi — eu digo.

— Oi, Simon.

— Como foi de férias?

Ela me olha como se não acreditasse que fiz uma pergunta tão boba, mas também como se estivesse meio aliviada pelo papo-furado.

— Tudo bem — ela diz. — Tranquilo.

— Viajou? — pergunto.

— Só para competições.

Agatha é amazona, e participa de competições. Acho que quer saltar pelo Reino Unido um dia. Ou montar? Não sei nada sobre cavalos.



Uma vez, ela tentou me fazer subir em um, mas fiquei com medo.

— Você não pode estar com medo desse cavalo — ela disse na época. — Já matou dragões.

— Bom, não estou com medo de matar esse cavalo, estou? Você quer que eu monte nele — eu respondi.

Agora, pergunto a Agatha:

— E deu sorte?

— Um pouco — ela diz. — É mais uma questão de habilidade.

— Ah. — Assinto. — Certo. Desculpa.

Meio que odeio falar com Agatha sobre o lance dos cavalos, e não porque tenho medo deles, mas só porque é mais uma coisa em que sempre dou bola fora. Toda essa porcaria refinada. Regatas, bailes e, sei lá, partidas de polo. Alguns chapéus da mãe dela parecem bolos de casamento.

É demais. Já tenho o bastante com que lidar, tento entender o que significa ser um feiticeiro — nunca vou parecer ter sido criado nesse meio.

Talvez Agatha fique melhor com Baz, no fim das contas...

Se ele não fosse malvado.

Devo estar parecendo irritado, porque Agatha pigarreia, desconfortável.

— Quer que eu vá embora?

— Não — eu digo. — Não. Estou feliz em te ver.

— Você nem olhou para mim — Agatha diz.

Então olho para ela.

E ela é linda.

E eu a quero. Quero que tudo fique bem.

— Olha, Simon, sei que você viu...

Eu a corto.

— Não vi nada.

— Bom, *eu* te vi — ela diz, mais firme. — E Penelope, e...

Eu a corto de novo.

— Não, quero dizer... — Não estou fazendo isso direito. — Eu te *vi*. Na floresta. E vi... ele. Mas tudo bem. Sei que você não seria capaz de... bom, sei que você não seria capaz, Agatha. Não importa, de qualquer maneira. Já faz meses.

Seus olhos estão arregalados e parecem confusos.

Agatha tem lindos olhos castanhos. Quase dourados. Cílios lindos e longos. A pele em torno de seus olhos brilha como se ela fosse uma fada. (Ela não é uma fada. Fadas capazes de enunciar feitiços falados são bem-vindas em Watford, desde que consigam encontrar a escola, mas até hoje nenhuma apareceu.)

— Mas, Simon, temos que... quer dizer, não é melhor a gente *conversar*?

— Prefiro só seguir em frente — digo. — Não tem importância. E é tão... é tão bom te ver, Agatha.

Tento pegar sua mão. Agatha deixa.

— É bom te ver também, Simon.

Sorrio.

Ela quase sorri de volta.

# 13

## AGATHA

É bom vê-lo, é *sempre* bom vê-lo.

É sempre um alívio.

Às vezes penso sobre como vai ser quando ele não voltar.

*Um dia Simon não vai voltar.*

Todo mundo sabe disso. Acho que até o Mago sabe. (Penelope sabe, mas não acredita.)

É que... é *impossível* que ele sobreviva. Gente demais o quer morto. *Coisas* demais, piores que pessoas. Sombras. Criaturas. O que quer que o Oco Insidioso seja. Todos querem o seu fim, e ele não vai continuar sobrevivendo; já escapou por pouco vezes demais.

Ninguém é tão forte.

Ninguém tem tanta sorte.

Um dia, ele não vai voltar, e vou ser uma das primeiras pessoas a quem vão contar. Já pensei nisso, porque sei que, não importa como eu reaja, não vai ser o bastante.

Simon é o Escolhido. E ele me escolheu. Ainda que eu o ame — crescemos juntos, ele passa todos os Natais na minha casa, eu o amo de verdade —, não é o bastante. O que quer que eu sinta não é o bastante; não vai ser o bastante, quando eu o perder.

E se for como quando nosso cachorro foi atropelado? Eu chorei, mas só porque sabia que esperavam isso de mim, não porque não podia evitar...

Eu costumava pensar que talvez estivesse contendo meus sentimentos por Simon em uma espécie de autodefesa. Tipo, para me proteger da dor de perdê-lo, da dor de talvez perder tudo — porque, quando for o fim dele, que esperança nos restará?

(Que esperança nos resta *agora*? Simon não é a solução para os nossos problemas; ele é só uma ordem de adiamento.)

Mas não é isso. Não é autodefesa.

Só não amo Simon o bastante.

Não o amo do jeito certo.

Talvez eu nem tenha esse tipo de amor em mim. Talvez seja um defeito meu.

Se for o caso, posso muito bem ficar ao lado de Simon, não? Se é onde ele me quer. Se é onde todos esperam que eu fique.

Se é o único lugar onde posso fazer a diferença.

# 14

## SIMON

Passo cerca de uma hora com Agatha, mas não falamos muito. Não conto a ela sobre o Mago.

(E se ela concordar com ele? E se Agatha quiser que eu vá também? Eu ia querer que ela fosse, se corresse perigo em Watford. Bom, ela *corre* perigo aqui. Por minha causa.)

Quando volto para o quarto, Penny já está lá, estirada na cama de Baz, com um livro na mão.

— Você e Agatha conversaram? — ela pergunta.

— Conversamos.

— Ela explicou? O lance do Baz?

— Eu disse que não precisava.

Penny deixa o livro de lado.

— Você não quer saber por que sua namorada estava se pegando com seu inimigo jurado?

— Ele não é meu inimigo *jurado* — digo. — Não fiz juramento nenhum.

— Tenho certeza de que Baz fez.

— Bom, mas eles não estavam se pegando.

Penny balança a cabeça.

— Se eu pegasse Micah de mãos dadas com Baz, ia querer uma explicação.

— Eu também.

— *Simon.*

— Penny. É claro que você ia querer uma explicação. Você é assim. Gosta de exigir explicações e de depois dizer por que as explicações não servem de nada.

— É nada.

— É, sim. Mas eu... olha, eu não ligo. Ficou pra trás. Agatha e eu estamos bem.

— Me pergunto se Baz também acha que ficou pra trás.

— Foda-se o Baz, ele é capaz de fazer qualquer coisa pra me atingir.

E vai começar a tentar assim que aparecer. O que deve ser a qualquer momento...

Quase todo mundo já chegou. Ninguém quer perder o piquenique de boas-vindas no gramado hoje à noite. É sempre imperdível. Brincadeiras. Fogos de artifício. Espetáculos mágicos.

Talvez Baz perca o piquenique; isso nunca aconteceu antes, mas seria legal.

Penny e eu encontramos Agatha no gramado.

Não vejo Baz, mas tem tanta gente que, se ele quisesse, me evitaria com facilidade. (Embora Baz normalmente faça *questão* de que eu o veja.)

Os mais novos já estão jogando e comendo bolo, alguns usando o uniforme de Watford pela primeira vez. Com o chapéu grande demais, a gravata torta. Há corridas e cantoria. Engasgo de leve durante o hino da escola; tem uma frase sobre “os anos dourados em Watford/ os anos

brilhantes e mágicos”, que me faz pensar que é isso. Todos os dias este ano vou sentir que nunca mais vai haver um igual.

O último piquenique de volta às aulas.

O último primeiro dia de volta.

Faço a maior sujeira, mas Penny e Agatha não se importam, e os sanduíches de ovo com agrião estão uma delícia. O frango assado também. E a torta de porco. E os bolinhos de especiarias com cobertura azeda de limão. E as jarras de leite gelado e refresco de framboesa.

Fico esperando que Baz apareça e estrague tudo. Fico olhando por cima do ombro. (Talvez isso seja parte do plano dele: estragar minha noite me fazendo pensar em como ele vai conseguir estragá-la.) Acho que Agatha também está preocupada com a possibilidade de ele aparecer.

Uma coisa que não me preocupa é um ataque do Oco. Ele enviou macacos voadores para atacar o piquenique quando eu entrei no quarto ano, mas nunca tenta a mesma coisa duas vezes. (Apesar de que poderia enviar *outra* coisa em vez de macacos voadores...)

Depois que o sol se põe, os mais novos voltam para os quartos, e os alunos do sétimo e do oitavo ano permanecem no gramado. Escolhemos um lugar, e Penny transforma o paletó em um cobertor verde para que possamos deitar. Agatha diz que é um desperdício de magia, quando há cobertores perfeitamente bons lá dentro.

— Seu paletó vai ficar cheio de grama — ela diz.

— Ele já é verde — Penelope retruca.

É uma noite quente e Penelope e Agatha são boas em astronomia. Ficamos deitados de costas e elas apontam para as estrelas.

— Eu devia ir buscar minha bola de cristal para prever o futuro de vocês — Penelope diz, e Agatha e eu resmungamos.

— Vou te poupar o trabalho — digo. — Você vai me ver coberto de sangue, mas não vai saber dizer de quem é. E vai ver Agatha toda linda, banhada de luz.

Penelope faz cara feia, mas não por muito tempo. O tempo está bom demais para isso. Encontro a mão de Agatha sobre o cobertor, e quando a aperto ela aperta de volta.

Este dia, esta noite... tudo parece certo. Magicamente certo. Como um presságio. (Eu não acreditava em presságios antes, não sou supersticioso. Mas aprendemos tudo sobre eles na aula de ciência mágica e Penny disse que não acreditar em presságios seria como não acreditar em torrada com manteiga.)

Depois de cerca de uma hora, alguém atravessou o véu e veio parar bem no meio do gramado. É uma irmã morta, que voltou para dizer ao irmão que a culpa não foi dele...

Guardo a espada sozinho dessa vez, sem que Penny precise me mandar fazê-lo.

—É incrível — ela diz. — Duas visitas em um dia, e o véu está só começando a ser erguido...

Quando o fantasma vai embora, todo mundo se abraça. (Acho que os alunos do sétimo ano andaram tomando vinho de dente-de-leão e rum com sabor de frutas. Mas não somos monitores, então não temos nada a ver com isso.) Alguém começa a cantar o hino da escola, e todos acompanhamos. Agatha canta, apesar de ter vergonha da própria voz.

Estou feliz.

Estou *muito* feliz.



Estou em casa.

Acordo poucas horas depois e concluo que Baz deve ter chegado.

Não consigo vê-lo — não consigo ver nada —, mas tem alguém no quarto comigo.

— Penny?

Talvez seja o Mago de novo. Ou o Oco! Ou aquela coisa que sonhei ter visto na janela ontem à noite, de que acabei de me lembrar...

Nunca fui atacado neste quarto — seria a primeira vez.

Sento e acendo a luz sem nem tentar. Isso acontece de vez em quando com feitiços menores, se estou estressado. Não deveria. Penny acha que pode ser um tipo de telepatia, como se eu pulasse as palavras e fosse direto ao ponto.

Não vejo nada, embora talvez esteja ouvindo um farfalhar e uma espécie de gemido. As duas janelas estão abertas. Levanto e olho lá fora, então as fecho. Verifico embaixo das camas. Arrisco um salvatodos, depois um vem-aqui-já, que faz com que todas as minhas roupas saiam voando do guarda-roupa. Amanhã eu guardo.

Volto para a cama, tremendo. Está frio. Ainda tenho a sensação de que não estou sozinho.

# 15

## SIMON

Baz não está no quarto quando acordo.

Procuro por ele no café da manhã, e nada.

O nome dele está na lista de chamada da primeira aula — grego com o Minotauro. (O nome do professor na verdade é Minos, mas o chamamos de Minotauro porque ele é meio homem, meio touro.)

O professor chama o nome de Baz quatro vezes.

— Tyrannus Pitch? Tyrannus Basilton Grimm-Pitch?

Agatha e eu olhamos em volta, então um para o outro.

Baz também deveria estar na aula de ciência política. Penny me obriga a fazer essa matéria, porque acha que posso virar um líder um dia, depois de derrotar o Oco.

Eu ficaria feliz em passar meus dias ajudando Ebb a cuidar das cabras se sobreviver ao Oco, mas até que ciência política é interessante, então continuo fazendo.

Baz sempre faz também. Provavelmente porque espera reivindicar o trono um dia...

A família dele costumava mandar em tudo antes de o Mago chegar ao poder.

Feiticeiros não têm reis e rainhas, mas os Pitch são a coisa mais próxima que temos de uma família real. Eles provavelmente teriam se

coroado em algum momento se esperassem que alguém fosse desafiar sua autoridade.

A mãe de Baz antecedeu o Mago como diretora de Watford, o que fazia dela a pessoa mais importante em nosso mundo. (Tem um corredor perto da sala do Mago com quadros dos diretores anteriores que mais parece a árvore genealógica da família Pitch.) Foi a morte dela que mudou tudo, colocando o Mago no poder.

Quando o Oco matou a diretora Pitch mandando vampiros para Watford, todo mundo viu que o Mundo dos Magos precisava mudar. Não podíamos continuar como estávamos, deixando o Oco e as criaturas das trevas nos matarem um a um.

Tínhamos que nos organizar.

Tínhamos que pensar em nos defender.

O Mago foi eleito Mago — líder do conciliábulo — em uma reunião de emergência, e assumiu como diretor interino de Watford. (Técnicamente, ele ainda é interino.) Ele começou a fazer reformas imediatamente.

Se está funcionando ou não, depende de para quem se pergunta...

O Oco continua à solta.

Mas ninguém morreu na escola desde que o Mago assumiu. Ainda estou vivo, então tendo a dizer que ele está fazendo um bom trabalho.

Alguns anos atrás, tivemos que fazer um trabalho para a aula de ciência política sobre a ascendência do Mago. Baz quase deu início a uma revolta. (Me pareceu bem ousado exigir a renúncia do diretor em um trabalho da escola.)

Baz sempre fez um jogo meio esquisito, expressando publicamente certa visão política de sua família — que é basicamente “Abaixo o Mago! De maneira pacífica e legal!” —, como se não tivesse nada a

esconder, enquanto os Pitch na verdade conduzem uma guerra secreta, perigosa e muito real contra nós.

Se alguém pergunta aos Pitch por que odeiam o Mago, eles começam a falar sobre “os velhos tempos”, “nossa herança mágica” e “liberdade intelectual”.

Mas todo mundo sabe que eles só querem voltar ao poder. Querem que Watford volte a ser como era: um lugar exclusivo para os mais ricos e poderosos.

O Mago *eliminou* a mensalidade da escola quando assumiu e extinguiu as apresentações orais e os testes de poder para admissão. Literalmente qualquer um capaz de enunciar feitiços pode estudar em Watford agora, independente de sua força ou habilidade, mesmo que seja meio troll por parte de mãe ou mais sereia que mago. Outra residência estudantil teve que ser construída, a Casa da Fraternidade, para acomodar todo mundo.

— Não se pode ser muito exigente com bucha de canhão — é o que Baz tem a dizer sobre as reformas.

Ele odeia ser tratado como qualquer outro aluno, em vez de como herdeiro. Se sua mãe ainda fosse diretora, ele provavelmente teria o próprio quarto e o que mais quisesse...

Eu não deveria pensar assim. Ele perdeu a mãe, e isso é horrível. Não é porque nunca tive pais que não compreendo quão doloroso deve ser perdê-los.

Baz não aparece na aula de ciência política, então fico de olho em seu melhor amigo, Niall. Ele não esboça nenhuma reação quando chega a vez de Baz na chamada, só olha para mim, como se tentasse dizer que sabe que estou de olho, mas está pouco se fodendo.

Encurralo Niall depois da aula.

— Onde ele está?

— Seu pinto? Não vi. Já perguntou a Ebb?

(Sério, não sei por que pastores de cabras têm fama de pervertidos. Vaqueiros continuam com a reputação ileso.)

— Cadê o Baz? — pergunto.

Niall tenta passar por mim, mas é impossível, porque quero. Não porque sou grande, só impertinente. Quando olham para mim, as pessoas tendem a ver tudo o que já matei.

Niall para e ajeita a alça da bolsa da escola no ombro. É fracote e branquelo, com olhos castanhos que ele deixa azul-lama com feitiço. Um desperdício de magia.

— E o que você tem com isso, Snow? — Niall escarnece.

— Ele é meu colega de quarto.

— Achava que você ia curtir a solidão.

— Eu curto.

— Então...

Saio da frente de Niall.

— Se ele estiver planejando alguma coisa, vou descobrir — digo. — Sempre descubro.

— Então tá.

— Estou falando sério — grito para as costas dele.

— *Então tá.*

No jantar, estou tão inquieto que destruo o bolinho salgado enquanto o como. (Bolinho salgado. Rosbife. Molho. É o que tem para o jantar todo primeiro dia de aula do ano. Nunca vou esquecer meu primeiro jantar em Watford. Meus olhos quase saltaram das órbitas quando a cozinheira trouxe as bandejas de rosbife. Naquele

momento, eu nem me importava se magia era mesmo de verdade, porque o rosbife e o bolinho salgado eram bons pra caralho.)

— Talvez ele só não tenha voltado de férias, sei lá — Penny diz.

— Por que ele ainda não teria voltado de férias?

— A família dele viaja — Agatha diz.

*É mesmo?, quero dizer. É sobre isso que vocês conversam quando estão sozinhos na floresta? Sobre seu amor mútuo por viagens?* Rasgo um pedaço de pão e derrubo o leite. Penny se assusta.

— Ele não perderia aula — digo, levantando o copo. Penny faz um feitiço para limpar a sujeira. — Leva a escola a sério demais.

Ninguém discorda de mim. Baz sempre foi o primeiro da classe. Penny costumava dar trabalho para ele, mas ser minha escudeira acabou prejudicando suas notas. “Não sou sua escudeira”, ela sempre diz. “Sou sua companheira de aventuras.”

— Talvez a família dele tenha decidido parar de fingir que não tem nada acontecendo — Penny sugere agora. — E o oitavo ano é opcional. Antigamente, muitos alunos saíam depois do sétimo. Vai ver os Pitch decidiram levar a coisa a sério.

— E ir para o campo de batalha — digo.

— Exatamente.

— Para enfrentar o Mago e eu? Ou o Oco?

— Não sei — Penny diz. — Sempre pensei que os Pitch iam só ficar sentados vendo os dois lados se destruírem.

— Valeu.

— Você sabe o que quero dizer, Simon. As famílias antigas não querem que o Oco vença. Mas acham bom que ele canse o Mago. Vão esperar para atacar quando acharem que ele não tem mais forças.

— Quando acharem que *eu* não tenho mais forças.

— Dá na mesma.

Agatha fica olhando para a mesa em que Baz costuma se sentar. Niall e Dev, outro amigo dele — um primo ou coisa do tipo —, estão sentados lado a lado, cochichando.

— Não acho que Baz tenha largado a escola — ela diz.

Sentada à nossa frente, Penny se inclina, entrando no campo de visão de Agatha.

— Você sabe de algo? O que Baz te disse?

Agatha desce os olhos para o próprio prato.

— Ele não me disse nada.

— Baz deve ter dito alguma coisa — Penny diz. — Você foi a última a falar com ele.

Cerro os dentes.

— *Penelope* — digo, sem soltar a mandíbula.

— Não estou nem aí se vocês dois concordaram em seguir em frente. — Ela faz um gesto abarcando Agatha e eu. — Isso é importante. Agatha, você o conhece melhor do que nós. O que ele te disse?

— Ela não o conhece melhor do que eu — digo. — Eu *moro* com Baz.

— Tá bom. O que ele te disse, então, Simon?

— Nada que me fizesse pensar que ia largar a escola e desperdiçar a oportunidade de passar um ano inteiro me fazendo infeliz!

— Ele nem precisa estar aqui para fazer isso — Agatha murmura.

Isso me irrita, ainda que eu estivesse pensando a mesma coisa ontem.

— Acabei — digo. — Vou pro quarto. Curtir a solidão.

Penny suspira.

— Relaxa, Simon. Não é culpa nossa se você está confuso. Não fizemos nada. — Ela olha para Agatha e inclina a cabeça. — Bom, *eu* não fiz...

Agatha se levanta também.

— Tenho lição de casa pra fazer.

Vamos juntos até a porta, então ela vira na direção do Claustro.

— Agatha! — eu chamo.

Só quando ela já está longe demais para me ouvir.

Tenho o quarto só para mim e nem consigo aproveitar, porque a cama vazia de Baz me parece sinistra.

Invoco a Espada dos Magos e pratico com ela no lado de Baz do quarto. Ele odeia quando faço isso.



# 16

## SIMON

Baz não aparece no café da manhã no dia seguinte. Nem no outro.

Nem na aula.

O time de futebol começa a treinar, e alguém assume o lugar dele.

Depois de uma semana, os professores pulam o nome dele na hora da chamada.

Sigo Niall e Dev por alguns dias, mas não parece que estão escondendo Baz em um celeiro nem nada...

Sei que devia estar feliz com a ausência de Baz — eu sempre disse que queria me livrar dele —, mas parece tão... *errado*. As pessoas não desaparecem assim.

Baz não desapareceria assim.

Ele é... indelével. Uma mancha de graxa humana. (Parcialmente humana.)

Depois de três semanas de aula, ainda me pego passando pelo campo de futebol, na esperança de vê-lo treinando e, quando não vejo, faço a volta para os morros atrás da escola.

Ouçó Ebb gritando comigo antes de vê-la.

— Ô, Simon. Oi!

Ela está sentada na grama, mais acima, com uma cabra deitada no colo.

Ebb passa a maior parte do tempo nos morros quando o clima está bom. Às vezes ela deixa as cabras pastarem no terreno da escola — diz que elas dão fim às ervas daninhas e às plantas carnívoras. Em Watford, as plantas carnívoras são de fato um perigo, porque são mágicas. As cabras não são. Perguntei a Ebb uma vez se quando as cabras as comem a magia as prejudica de alguma forma.

— São cabras, Simon — Ebb respondeu. — Podem comer qualquer coisa.

Agora, quando me aproximo, vejo que os olhos de Ebb estão vermelhos. Ela os enxuga com a manga do suéter. É uma blusa velha da escola, com manchas marrons no pescoço e nos punhos, cujo vermelho desbotou para um rosa.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu ficaria preocupado, mas Ebb é meio chorona. Ela seria como o Bisonho, se ele vivesse cercado por cabras, em vez de deixar que o ursinho Pooh e o Leitão o animassem.

Esse choro todo irrita Penelope, mas não me incomoda. Ebb nunca diz a ninguém para se animar ou ver o lado bom das coisas. O que é muito reconfortante.

Sento ao seu lado na grama e faço carinho nas costas da cabra.

— O que você tá fazendo aqui? — Ebb pergunta. — Não tem treino de futebol?

— Não estou no time.

Ela coça atrás das orelhas da cabra.

— E isso já te impediu por acaso?

— Eu...

Ebb funga.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Ah. Tá. — Ela balança a cabeça, e o cabelo se solta das orelhas. É loiro, meio sujo e está sempre cortado reto acima do queixo e na franja. — É essa época do ano.

— O outono?

— A volta às aulas. Me lembra de quando eu estava na escola. Não dá pra voltar, Simon, nunca dá pra voltar...

Ela limpa o nariz na manga de novo, então limpa a manga no pelo da cabra.

Não comento que Ebb nunca chegou a deixar Watford. Não quero tirar sarro dela, até porque para mim parece um ótimo negócio. Passar a vida toda aqui.

— Nem todo mundo voltou — digo.

Sua expressão muda.

— A gente perdeu alguém?

O irmão de Ebb morreu quando eles eram novos. Esse é um dos motivos pelos quais ela é tão melancólica: nunca superou a perda. Não quero preocupá-la...

— Não — digo. — Quer dizer... Baz. Basil não voltou.

— Ah — ela diz. — O jovem sr. Pitch. Certeza que vai voltar. A mãe valorizava muito a educação.

— Foi isso que eu disse!

— Bom, e quem conhece ele melhor que você? — ela diz.

— Eu disse isso também!

Ebb assente e faz carinho na cabra.

— E pensar que vocês viviam brigando...

— A gente ainda vive brigando.

Ebb me olha, parecendo duvidar. Ela tem olhos estreitos e azuis, bem brilhantes, que parecem ainda mais porque seu rosto está sempre

sujo.

— Ebb — eu insisto —, ele tentou me matar.

— Mas não conseguiu. — Ela dá de ombros. — E já faz tempo.

— Ele tentou me matar três vezes! Que eu saiba! Não importa se funcionou ou não.

— Importa um pouco — ela diz. — Fora que quantos anos vocês tinham da primeira vez? Onze? Doze? Não conta.

— Pra mim, conta — digo.

— Conta?

Bufo.

— Conta. Conta, sim, Ebb. Ele já me odiava antes de me conhecer.

— Exatamente — ela diz.

— Exatamente! — eu digo.

— Só estou falando que faz bastante tempo que não tenho que separar vocês dois.

— Bom, não tem sentido ficar brigando o tempo todo — digo. — Não leva a lugar nenhum. E machuca. Acho que estamos nos poupando.

— Pra quê? — ela pergunta.

— Pro fim.

— O fim das aulas?

— O fim do fim — digo. — A grande batalha.

— Então você estava se preparando e ele nem apareceu?

— Exatamente!

— Bom, eu não perderia as esperanças — Ebb diz. — Acho que ele vai voltar. A mãe sempre valorizou uma boa educação. Tenho saudade dela nessa época do ano...

Ebb enxuga os olhos na manga. Sorrio. Às vezes é melhor só curtir o silêncio com ela. E as cabras.

Três semanas se passam. Quatro, cinco, seis.

Paro de procurar por Baz nos lugares onde ele deveria estar.

Sempre que ouço alguém subindo as escadas para o nosso quarto, sei que é Penny. Até a deixo passar a noite na cama dele de vez em quando, porque não parece haver risco iminente de Baz aparecer e botar fogo nela por causa disso. (O anátema do colega de quarto não impede os alunos de ferir qualquer outra pessoa no quarto.)

Abordo Niall mais algumas vezes, mas ele não dá o menor sinal de que sabe onde Baz está. Na verdade, até parece esperar obter algumas respostas *comigo*.

Sinto que deveria falar com o Mago a respeito de Baz, mas não *quero* falar com o Mago. Tenho medo de que ele ainda esteja planejando me mandar embora.

Penny acha que não tem sentido evitá-lo.

— Não é como se você pudesse sair do radar dele.

Talvez eu já tenha saído... Isso também me incomoda.

O Mago sempre passou bastante tempo fora, mas este ano mal ficou em Watford. Quando aparece, está sempre cercado por seus homens.

Normalmente, ele estaria de olho em mim. Me chamando na sua sala. Me passando tarefas, pedindo ajuda. Às vezes eu acho que o Mago precisa mesmo da minha ajuda — ninguém confia tanto em mim quanto ele —, mas às vezes acho que está só me testando. Para ver do que sou capaz. Para garantir que estou pronto.

Estou sentado na sala de aula um dia quando o vejo indo sozinho na direção da Torre em Prantos. Assim que a aula termina, vou para lá.

É uma construção alta, de tijolos aparentes — uma das mais antigas de Watford, quase tão antiga quanto a Capela. Tem esse nome por causa da trepadeira que desce por ela todo verão, como lágrimas escorrendo, e porque a construção vem cedendo e se inclinando ao longo dos anos, quase como se estivesse se curvando para chorar. Ebb diz que não há risco de queda, porque ela é sustentada por feitiços fortes.

O refeitório fica na torre, ocupando todo o térreo, e acima há salas de aula, de reunião e de invocação. A sala do Mago e o santuário ficam no ponto mais alto.

Ele vem e vai conforme a necessidade. O Mago precisa ficar de olho em todo o mundo mágico — do Reino Unido, pelo menos —, e caçar o Oco toma muito tempo.

O Oco não apenas me ataca. Faz coisa bem pior. (Caso contrário, os outros feiticeiros provavelmente já teriam me entregado a ele.)

Quando o Oco apareceu pela primeira vez, há quase vinte anos, começaram a aparecer buracos na atmosfera mágica. Parece que ele consegue sugar a magia de qualquer lugar, provavelmente para usá-la contra nós.

Entrar em um desses pontos mortos é como entrar em uma sala sem ar. Não tem nada ali, nenhuma magia. Até eu fico seco.

A maior parte dos feiticeiros não dá conta. Estão todos tão acostumados com a magia, a se sentirem mágicos, que ficam malucos sem ela. Por isso o monstro recebeu esse nome. Um dos primeiros feiticeiros que o encarou descreveu o ataque como um “oco insidioso, uma mundanidade que penetra a própria alma”.

Os pontos mortos continuam mortos. Quem sai, recupera a própria magia, mas a do lugar nunca retorna.

Feiticeiros já tiveram que deixar suas casas porque o Oco tirou toda a magia delas.

Seria um desastre se ele entrasse em Watford.

Até agora, ele tem mandado alguém — ou alguma coisa, alguma criatura das trevas — atrás de mim.

Encontrar aliados é fácil para o Oco. Toda criatura das trevas deste mundo e além adoraria ver a queda dos magos. Vampiros, lobisomens, demônios, banshees, mantícoras, goblins — todos guardam ressentimento de nós. Conseguimos controlar nossa magia, mas eles não. Fora que os mantemos sob controle também. Se fosse como as criaturas das trevas querem, o caos tomaria conta do mundo normal. Elas tratariam as pessoas como animais de criação. Nós — os feiticeiros — precisamos que as pessoas vivam sua vida normalmente, sem se deixar afetar muito pela magia. Nossos feitiços precisam de normais falando livremente para funcionar.

Isso explica por que as criaturas das trevas nos odeiam.

Ainda não sei por que o Oco escolheu especificamente a mim como alvo. Imagino que seja porque sou o feiticeiro mais poderoso do mundo. Porque sou a maior ameaça a ele.

O Mago diz que ele próprio pôde seguir meu poder como se fosse um farol quando chegou a hora de me trazer para Watford.

Talvez seja assim que o Oco me encontre também.

Pego a escada caracol que leva ao topo da Torre em Prantos e dá para um saguão redondo. O emblema da escola é visível no chão de mármore, tão polido que parece molhado. Há uma pintura na cúpula do próprio Merlim invocando a magia com as mãos voltadas para o céu e a boca aberta. Ele parece um pouco com o Stephen Fry.

Tem duas portas. A sala do Mago é atrás da porta alta em arco que fica à esquerda. O santuário e os aposentos dele ficam atrás da porta menor à direita.

Bato na porta da sala primeiro, mas ninguém responde. Penso em bater na outra, mas parece intimidade demais. Talvez seja melhor só deixar um bilhete.

Abro a porta da sala do Mago — que é protegida, mas eu sou bem-vindo — e entro devagar, caso ele esteja ali.

Está escuro. As cortinas estão fechadas. As paredes costumam estar forradas de livros, mas um monte deles foi tirado e empilhado pela mesa.

Não acendo a luz. Queria ter um pedaço de papel comigo, assim não precisaria ficar revirando as coisas do Mago. Não tem post-its nem blocos de anotações na mesa dele.

Pego uma caneta-tinteiro pesada. Tem algumas folhas de papel sobre a mesa, com datas. Viro uma e escrevo:

*Gostaria de falar com o senhor quando tiver tempo.*

*Sobre tudo. Sobre meu colega de quarto.*

Então acrescento:

*(T. Basilton Grimm-Pitch.)*

Depois me arrependo, porque é claro que o Mago sabe quem é meu colega de quarto, e o nome ficou meio que parecendo uma assinatura. Então assino de fato:

*Simon*



— Simon — alguém diz, e eu solto a caneta em meio ao susto.

A srta. Possibelf está na porta, mas não entra.

Ela dá aula de palavras mágicas e é a responsável pelos estudantes. É minha professora preferida. Não é exatamente amistosa, mas acho que se importa com a gente de verdade, e parece mais humana que o Mago. (Muito embora eu desconfie que não seja exatamente humana...) É muito mais provável que *ela* note quando alguém está doente, triste ou com o polegar preso à mão por um fio.

— Srta. Possibelf — digo. — O Mago não está.

— Notei. O que veio fazer aqui?

— Vim atrás dele. Queria falar de algumas coisas.

— Ele estava aqui de manhã, mas já foi embora. — A srta. Possibelf é alta e larga. Uma trança prateada grossa desce por suas costas. É inacreditavelmente graciosa e inacreditavelmente eloquente. Quando fala direto com você, é como se a voz dela fizesse cócega em seus ouvidos. — Você também pode falar comigo — ela diz.

Ela ainda não entrou — não deve ter permissão para atravessar a soleira da porta.

— Bom — digo —, tem a ver com Baz. Basil. Ele não voltou pra escola.

— Também notei — ela diz.

— Sabe se ele vai voltar?

Ela olha para a bengala que usa como varinha e traça um círculo com o punho.

— Não sei.

— Falou com o pai dele? — pergunto.

Ela olha para mim.

— Isso é confidencial.

Assinto, e dou um chutinho na lateral da mesa do Mago, então percebo o que fiz e recuo um passo, passando a mão pelo cabelo.

A srta. Possibelf pigarreia com delicadeza; mesmo estando do outro lado da sala, isso faz com que uma onda de animação suba pelo meu corpo.

— Mas posso te dizer que é política da escola entrar em contato com os pais de um aluno quando ele não volta das férias...

— Então você falou com os Pitch?

Ela estreita os olhos castanho-escuros para mim.

— O que você espera descobrir, Simon?

Abaixo a mão, frustrado.

— A verdade. Ele foi embora? Está doente? A guerra começou?

— A verdade...

Fico esperando que ela pisque. Feiticeiros piscam também.

— A verdade — ela diz — é que não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas. Entramos em contato com os pais. Eles estavam cientes de que o filho não voltou para a escola, mas não deram continuidade ao assunto. O sr. Pitch é maior de idade, como você, então é tecnicamente um adulto. Se não está vindo à escola, não está sob minha responsabilidade.

— Mas você não pode simplesmente ignorar quando um aluno não volta para a escola! E se ele estiver planejando alguma coisa?

— Quem deve se preocupar com isso é o conciliábulo, não eu.

— Se Baz estiver organizando uma revolta — insisto —, todos devemos nos preocupar.

Ela me observa. Levanto o queixo e finco o pé. (É a minha postura-padrão quando não sei mais o que fazer.) (Porque se tem algo em que sou bom...)

A srta. Possibelf fecha os olhos, mas não é como se ela estivesse precisando piscar, e sim como se estivesse desistindo. *Ótimo.*

Ela volta a olhar para mim.

— Simon, sabe que me importo com você e que sou sempre sincera. Mas não sei onde Basilton está. Talvez ele esteja mesmo tramando algo horrível. Espero que não, pelo bem dele e pelo seu. Tudo o que sei é que o pai dele pareceu pouco à vontade, mas nada surpreso quando falei com ele. Sabia que o filho não estava aqui, e não parecia feliz com isso. Sinceramente, Simon? Parecia meio sem paciência.

Exalo com força pelo nariz e assinto.

— Isso é tudo o que sei — ela diz. — Se descobrir mais, conto a você, se puder.

Assinto de novo.

— Agora talvez seja melhor você ir almoçar.

— Obrigado, srta. Possibelf.

Quando passo por ela para sair, a professora tenta dar um tapinha no meu braço, mas eu sigo em frente, e a coisa toda parece meio desajeitada. Ouço a porta pesada de carvalho se fechar atrás de nós.

Não vou almoçar. Vou dar uma volta, que acaba em corrida, que acaba comigo destruindo uma árvore nos limites da floresta.

Nem consigo acreditar que a espada obedece quando a chamo.

# 17

## SIMON

Paro de procurar Baz em todos os lugares onde deveria estar...

Mas não paro de procurar por ele.

Caminho pela Floresta Inconstante à noite. Penny vê a expressão no meu rosto e não tenta me acompanhar. Agatha está sempre fazendo lição de casa. Parece estar se esforçando muito este ano. Talvez o pai tenha lhe prometido um cavalo novo ou coisa do tipo.

Eu costumava adorar a floresta, achava que me tranquilizava.

Depois de algumas noites, me dou conta de que não estou andando sem rumo; percorro a floresta como se estivesse fazendo uma varredura. Como fizemos naquele ano em que Elspeth desapareceu: todos de mãos dadas, andando lado a lado, marcando as áreas conforme as cobríamos. Marco as áreas mentalmente agora, jogando luz e movimentando a espada para a frente e para trás para tirar os galhos da frente. Vou desmatar a porra da floresta se continuar assim.

Não encontro nada. Assusto os espíritos. Uma dríade aparece para me dizer que sou basicamente um apocalipse ambulante para a floresta.

— O que busca? — a ninfa pergunta, pairando sobre a terra ainda que eu já tenha dito que isso me dá medo. Ela tem musgo no lugar do cabelo, e está vestida como uma daquelas garotas de mangá, de bota e guarda-chuva vitorianos.

— Baz — digo. — Meu colega de quarto.

— O inanimado? Com olhos bonitos.

— Isso. — Mas Baz é inanimado? Nunca pensei nele assim. Quer dizer, Baz é um vampiro, acho. — Espera, você está dizendo que ele está morto? Tipo, morto de verdade?

— Todos os chupadores de sangue estão mortos.

— Mas você já viu Baz chupando sangue de fato?

Ela fica me olhando. A espada está presa na terra, ao lado dos meus pés.

— O que busca, Escolhido?

Ela parece irritada agora, apoiando o guarda-chuva verde no ombro.

— Meu colega de quarto. Baz. O chupador de sangue.

— Ele não está aqui — ela diz.

— Tem certeza?

— Mais certeza que você.

Suspiro, e enterro a espada mais fundo na terra.

— Bom, eu não tenho nenhuma certeza.

— Você está acabando com minha boa vontade, feiticeiro.

— Quantas vezes tenho que salvar esta floresta para vocês ficarem do meu lado?

— Não adianta salvar a floresta se depois vai acabar com ela.

— Estou procurando pelo meu colega de quarto.

— Seu inimigo — ela retruca. Tem a pele castanho-acinzentada enrugada como casca de árvore, e seus olhos brilham como aqueles cogumelos que crescem nas profundezas da floresta.

— Não importa o que ele é — digo —, você sabe de quem estou falando. Como pode ter certeza de que Baz não está aqui?

A dríade inclina a cabeça para trás, como se ouvisse as árvores às suas costas. Todos os seus movimentos parecem com a brisa nos galhos.

— Ele não está aqui — ela diz. — A menos que esteja escondido.

— Bom, mas é claro que ele está escondido! Está escondido em algum lugar.

— Se *nós* não o vemos aqui, feiticeiro, não é você quem vai conseguir ver.

Pego a espada e a embainho.

— Mas vai me dizer se ouvir alguma coisa?

— Provavelmente não.

— Você é inacreditável.

— Sou improvável.

— Isso é importante — digo. — Uma pessoa muito perigosa está desaparecida.

— Ele não é perigoso para mim — ela sibila. — Não é perigoso para minhas irmãs. Não sangramos. Não fazemos joguinhos a troco de nada.

— Talvez você tenha esquecido que os Pitch são da Casa do Fogo.

Abarco em um gesto as árvores atrás dela, todas inflamáveis.

A dríade levanta a cabeça. Seu sorriso se desfaz. Ela passa o guarda-chuva para o outro ombro.

— Tá — ela diz.

— Tá?

— Se virmos seu belo chupador de sangue, vamos dizer que você está atrás dele.

— Isso não vai ajudar.

— Então vamos dizer ao ser dourado.

— Ser dourado? Esse sou eu?

Ela torce o nariz e sacode a cabeleira de musgo. Flores crescem nele.

— Quem então?

— Seu ser dourado. O ser dourado dele. Seu pistilo e estigma.

— Pistilo... está falando de Agatha?

— A irmã de cabelos dourados.

— Você vai dizer a Agatha se vir Baz?

— Isso. — Ela gira o guarda-chuva. — Gostamos dela.

Suspiro e esfrego a testa com as costas da mão.

— Eu te salvei pelo menos três vezes. Salvei essa floresta inteira.

Sabe disso, não é?

— O que você *busca*, Escolhido?

— Nada. — Jogo as mãos para o alto e me viro para ir embora, chutando a muda de planta mais próxima. — Nada!

Nada de bom jamais acontece na Floresta Inconstante.

Ando pela floresta.

Ando pelos campos.

Percorro a propriedade entre as aulas, vasculhando prédios vazios, abrindo portas há muito fechadas.

Às vezes, Watford parece tão grande por dentro quanto o terreno murado e as áreas externas somados.

Há salas secretas. Passagens secretas. Alas escondidas que só se revelam com o feitiço ou o artefato certos.

Tem outro andar entre o segundo e o terceiro do Claustro. (Penny diz que é “de brinde”.) É um eco do andar acima. As mesmas coisas acontecem ali, um dia depois.

Tem um fosso embaixo do fosso.

Tocas de coelho nos morros.

Há três portões secretos, e só consegui abrir um deles.

Às vezes parece que passei a vida toda procurando pelo mapa ou pela chave que daria sentido a Watford — e a todo o Mundo dos Magos.

Tudo o que encontro são peças de quebra-cabeça. É como se eu estivesse em uma sala escura, cuja luz só basta para ver um canto por vez.

Passei a maior parte do quinto ano vagando pelas catacumbas abaixo da Capela Branca, à procura de Baz. A Capela fica no centro de Watford e é o prédio mais antigo de todos. Ninguém sabe se Watford começou como escola ou outra coisa. Talvez como uma abadia mágica. Ou como um assentamento de magos — é nisso que quero acreditar. Imagina só, uma cidade murada em que feiticeiros vivem juntos, praticamente às abertas. Uma comunidade mágica.

As catacumbas se estendem por baixo da Capela e além. Provavelmente há muitos caminhos a seguir lá embaixo, mas só conheço um.

No quinto ano, eu sempre via Baz escapar na direção da Capela depois do jantar. Achei que devia estar tramando algo, que havia uma conspiração.

Eu o segui até a Capela, através das portas altas em arco que nunca eram trancadas... Depois atrás do altar, atrás do santuário e do Canto dos Poetas... Através da porta secreta, descendo até as catacumbas.

As catacumbas são bem assustadoras. Agatha nunca topou descer comigo e Penelope só foi no começo, quando ainda acreditava que Baz podia estar tramando alguma coisa.

Ela parou de ir no quinto ano. Parou também de assistir aos jogos de futebol de Baz. Parou de esperar no corredor do terraço onde ele faz



aula de violino.

Mas eu não podia desistir. Não quando todas as peças estavam começando a se encaixar...

O sangue nos punhos das blusas de Baz. O fato de que ele conseguia enxergar no escuro. (Ele voltava para o quarto à noite e trocava de roupa sem nunca precisar acender a luz.) Então encontrei uma pilha de ratos mortos no porão da Capela, secos até o talo, como limões espremidos.

Eu estava sozinho quando finalmente o confrontei. Nas profundezas das catacumbas, dentro da Tumba das Crianças. *Le Tombeau des Enfants*. Baz estava sentado no canto, com crânios empilhados nas paredes ao seu redor.

— Você me encontrou — ele disse.

Eu já estava com a espada na mão.

— Sabia que encontraria.

— E agora?

Ele nem se levantou. Só limpou o pó da calça cinza e se reclinou contra os ossos.

— Agora você vai me dizer o que está tramando — eu disse.

Ele riu. Baz ria o tempo todo de mim naquela época, mas aquela risada saiu mais vazia do que o normal. Tochas deixavam alaranjada a câmara cinzenta, mas a pele dele continuou branca como giz.

Ajustei minha posição, abrindo as pernas na largura dos quadris, endireitando os ombros.

— Eles morreram por causa de uma epidemia — Baz disse.

— Quem?

Baz levantou a mão, e eu recuei.

Ele levantou uma sobrancelha e moveu o braço em um gesto que abarcava o espaço à nossa volta.

— Eles — Baz disse. — *Les enfants*.

Uma mecha de cabelo preto caiu na testa dele.

— É por isso que você está aqui? Pra rastrear uma epidemia?

Baz me encarou. Ele tinha dezesseis anos, ambos tínhamos, mas Baz fazia eu me sentir como se tivesse cinco. Sempre pareci uma criança ao lado dele, como se nunca fosse conseguir acompanhá-lo. Como se Baz tivesse nascido sabendo tudo sobre o Mundo dos Magos, porque é o mundo *dele*. Está em seu DNA.

— Isso, Snow — ele disse. — Estou aqui por causa de uma epidemia. Vou descobrir o agente causador, colocar numa proveta e infectar Metropolis com vapor.

Segurei a espada mais forte.

Ele parecia entediado.

— O que está fazendo aqui? — exigi saber, balançando a espada no ar.

— Só estou sentado — ele disse.

— *Não*. Nada disso. Finalmente te peguei, depois de todos esses meses, e você vai me dizer o que está tramando.

— A maior parte dos alunos morreu — ele disse.

— Para com isso. Para de me distrair.

— Mandaram pra casa os que estavam bem. Meu tio-bisavô era diretor na época. Ele ficou para ajudar a cuidar dos doentes. O crânio dele está aqui também. Talvez você possa me ajudar a procurar. Já me disseram que essa minha testa aristocrática vem dele.

— Não estou ouvindo.

— A magia não os ajudou — Baz disse.

Cerrei os dentes.

— Eles não tinham um feitiço para se proteger da epidemia — Baz continuou. — Nenhuma palavra tinha poder o bastante, ou o tipo certo de poder.

Dei um passo à frente.

— O que você está fazendo aqui?

Ele começou a cantarolar para si mesmo.

— *Gira, gira horrores... O bolso cheio de flores...*

— Responde, Baz.

— *Ah, desolação!...*

Movimentei a espada contra a pilha de ossos ao lado dele, fazendo os crânios chacoalharem e rolarem.

Ele riu e se endireitou, sustentando os crânios com a varinha.

— *Última forma!*

Eles viraram no ar e voltaram ao lugar.

— Tenha mais respeito, Snow — Baz disse, com a voz cortante, e voltou a se recostar. — O que quer comigo?

— Quero saber o que você anda fazendo.

— É isso que ando fazendo.

— Você fica sentado em uma tumba com um monte de ossos.

— Não são só ossos. São *alunos*. E professores. Todo mundo que morre em Watford vem para cá.

— E?

— *E?* — ele repetiu.

Soltei um grunhido.

— Olha, Snow... — Ele se levantou. Já era mais alto que eu, sempre foi. Mesmo naquele verão em que cresci oito centímetros, juro que o cretino cresceu nove. — Você anda atrás de mim, me seguindo.

Agora me encontrou. Não é minha culpa se ainda não encontrou o que está procurando.

— Sei o que você é — rosnei.

Seu olhar estava fixo no meu.

— Seu colega de quarto?

Balancei a cabeça e apertei o punho da espada.

Baz deu um passo à frente, ficando ao meu alcance.

— Então me conta — ele cuspiu.

Não consegui.

— Me conta, Snow. — Ele deu outro passo à frente. — *O que eu sou?*

Soltei outro grunhido, e levantei mais um pouco a espada.

— Um vampiro! — gritei.

Baz deve ter sentido no rosto a força do ar saindo pela minha boca.

Ele começou a rir.

— Sério? Acha que eu sou um *vampiro*? Bom, o que vai fazer quanto a isso?

Ele tirou um cantil do paletó e tomou um gole. Eu não sabia que ele estava bêbado, e baixei a espada um pouco. Tentei me lembrar que devia ficar pronto para a batalha, e a ergui de novo.

— Vai enfiar uma estaca no meu coração? — ele perguntou, se afundando no canto e descansando um braço sobre uma pilha de crânios. — Me decapitar, talvez? Isso só funciona se mantiver a cabeça separada do corpo, mas mesmo assim ainda vou poder andar. Meu corpo não vai parar até encontrar minha cabeça... É melhor botar fogo em mim, Snow, é a única solução.

Eu queria cortá-lo ao meio. Bem ali, naquela hora. Finalmente.